

**UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA  
ICH – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
Curso de Psicologia**

Ana Cristina Tarelo da Silva, RA: T254BI-0

Queila Alves de Oliveira, RA: D98JHF-2

Washley de Arêa Araujo, RA: F027252

***BULLYING E SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA EM POPULAÇÕES AMERICANAS***

São Paulo - Campus Pinheiros

2025

**UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA  
ICH – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
Curso de Psicologia**

Ana Cristina Tarelo da Silva, RA: T254BI-0

Queila Alves de Oliveira, RA: D98JHF-2

Washlley de Arêa Araujo, RA: F027252

***BULLYING E SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA EM POPULAÇÕES AMERICANAS***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para a obtenção do grau de psicólogo no curso de Psicologia da Universidade Paulista, UNIP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Me. Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz.

São Paulo - Campus Pinheiros

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Ana Cristina Tarelo da  
Bullying e suicídio na adolescência em populações americanas / Ana  
Cristina Tarelo da Silva, Queila Alves de Oliveira , Washley de Arêa  
Araújo. - 2025.  
59 f. : il. color

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto  
de Ciência Humanas da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.  
Área de Concentração: Psicologia da Saúde.  
Orientador: Prof. Me. Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz.

1. Adolescência. 2. Bullying. 3. Suicídio. I. Oliveira , Queila Alves de .  
II. Araújo, Washley de Arêa . III. Schwartz, Marina Gomes Coelho de  
Souza (orientador). IV. Título.



**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP  
Instituto de Ciência Humanas – ICH  
Curso de Psicologia – Campus Pinheiros**

**ATA DE DEFESA**

Com base nas disposições do Regulamento do Plano de Estudos Orientados - PEO (TCC) do Curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP, reuniu-se no dia 01 de dezembro de 2025, nesta Universidade, no Campus Pinheiros, Rua Padre Carvalho, número 566, São Paulo, SP, térreo, auditório, a Banca Examinadora para a arguição da pesquisa intitulada “*Bullying e Suicídio na Adolescência*”, que foi apresentada publicamente pelas alunas “*Ana Cristina Tarelo da Silva, RA T254BI-0*”, “*Queila Alves de Oliveira, RA D98JHF-2*” e “*Washley de Arêa Araujo, RA F027252*”. A Banca Examinadora foi composta pelos professores examinadores Prof. M.e Edson Luiz de Toledo e Prof<sup>ª</sup> Monica Pignatti Lopes e presidida pela professora orientadora Prof<sup>ª</sup>. M.a Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz.

O trabalho foi considerado aprovado com a nota 10 ( dez ).

São Paulo, 01 de dezembro de 2025.

Prof. M.e

Edson Luiz de Toledo  
Universidade Paulista (UNIP)

Prof<sup>ª</sup>.

Monica Pignatti Lopes  
Universidade Paulista (UNIP)

Prof<sup>ª</sup> M.a

Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz  
Universidade Paulista (UNIP)

## RESUMO

O *bullying* é um comportamento agressivo, intencional e sistemático, expresso em forma de violência física, verbal, sexual ou como exclusão, direcionada a um indivíduo, com o objetivo de humilhar e intimidar, em uma relação em que há desequilíbrio de poder, gerando consequências negativas, como isolamento, ansiedade, depressão e baixa autoestima. Estes estados psicológicos disfuncionais, por sua vez, são frequentemente observados em indivíduos que alimentam ideias suicidas. Tendo em vista a relação entre os estados psicológicos gerados pelo *bullying* e os comportamentos suicidas, este trabalho explora, pela pesquisa bibliográfica, as evidências que associam o *bullying* ao suicídio na adolescência. Objetivo: Revisar a literatura acadêmica produzida sobre a relação entre *bullying* e suicídio na adolescência. Método: o método consistiu na exploração bibliográfica de artigos produzidos com dados das populações pertencentes a países do Continente Americano, utilizando como instrumentos para a coleta de dados as bases de dados de literatura Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS/BIREME), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE/PUBMED). Resultados: Constatou-se que existe uma diversidade de fatores que predis põem o adolescente ao *bullying* e uma relação positiva entre o *bullying* e estados psíquicos como o depressivo. Observou-se ainda, a incidência de maiores taxas de ideação e tentativa de suicídio entre jovens envolvidos com o *bullying* e com o *cyberbullying*, tanto vítimas, como agressores. Os números revelaram que as adolescentes são mais suscetíveis à ideação suicida e à tentativa de suicídio, quando expostas ao *bullying/cyberbullying* do que os adolescentes do sexo masculino. Conclusão: Constatou-se a escassez de estudos realizados na América Latina e a ausência de dados que reportem os números relativos ao fenômeno do *bullying* e sua relação com o suicídio pós pandemia de COVID-19. Entretanto, os artigos pesquisados apresentam indicação clara da relação entre os estados psíquicos provocados pela exposição ao *bullying* e os comportamentos suicidas, o que alerta para a necessidade de trabalhar de forma consistente o combate ao *bullying* como estratégia de prevenção do suicídio entre os adolescentes.

**Palavras-chave:** Adolescência. *Bullying*. *Cyberbullying*. Suicídio.

## ABSTRACT

Bullying is an aggressive, intentional, and systematic behavior, expressed in the form of physical, verbal, sexual violence or social exclusion, directed at an individual with the aim of humiliating and intimidating, within a relationship marked by a power imbalance. It can generate several negative consequences, such as isolation, anxiety, depression, and low self-esteem. These dysfunctional psychological states, in turn, are frequently observed in individuals who develop suicidal ideation. Considering the relationship between the psychological states generated by bullying and suicidal behaviors, this study explores, through a literature review, the evidence that associates bullying with suicide in adolescence. Objective: To review the academic literature produced on the relationship between bullying and suicide in adolescence. Method: The method consisted of a bibliographic exploration of articles with data from populations belonging to countries of the American continent, using as instruments for data collection the Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS/BIREME), Virtual Health Library (VHL), and Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PUBMED). Results: It was found that there is a diversity of factors that predispose adolescents to bullying and a positive relationship between bullying and psychological states such as depression. It was also observed that there is a higher incidence of suicidal ideation and suicide attempts among young people involved in bullying and cyberbullying, both victims and perpetrators. The numbers revealed that female adolescents are more susceptible to suicidal ideation and suicide attempts when exposed to bullying/cyberbullying than male adolescents. Conclusion: It was observed that there is a scarcity of studies conducted in Latin America and a lack of data reporting numbers related to the phenomenon of bullying and its relationship with suicide in the post-COVID-19 pandemic period. However, the articles analyzed present clear evidence of the relationship between the psychological states provoked by exposure to bullying and suicidal behaviors, which highlights the need to consistently address bullying prevention as a strategy to reduce suicide among adolescents.

**Keywords:** Adolescence. Bullying. Cyberbullying. Suicide.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1.1 Apresentação</b> .....	7
<b>1.2 Tema/Levantamento bibliográfico</b> .....	7
1.2.1 Adolescência, fase de oportunidades e de riscos.....	7
1.2.2 <i>Bullying</i> , um problema de saúde pública? .....	10
1.2.3 Suicídio .....	11
<b>1.3 Objetivos</b> .....	13
1.3.1 Objetivo Geral .....	13
1.3.2 Objetivos específicos .....	13
<b>1.4 Hipóteses</b> .....	13
<b>1.5 Justificativa</b> .....	13
<b>2 MÉTODO</b> .....	16
<b>2.1 Participantes e local</b> .....	17
<b>2.2 Instrumentos</b> .....	17
<b>2.3 Aparatos</b> .....	17
<b>2.4 Procedimentos para coleta de dados</b> .....	17
<b>2.5 Procedimentos para análise de dados</b> .....	18
<b>2.6 Ressalvas éticas</b> .....	19
<b>3 RESULTADOS</b> .....	19
<b>4 DISCUSSÃO</b> .....	30
<b>4.1 <i>Bullying</i> e Suicídio</b> .....	30
<b>4.2 <i>Bullying</i> e suicídio na adolescência: um recorte por gênero</b> .....	32
<b>4.3 <i>Bullying</i> e identidades estigmatizadas</b> .....	36
<b>4.4 A relação entre <i>bullying</i>, saúde mental e suicídio</b> .....	39
<b>4.5 Fatores de risco e proteção em desfechos suicidas entre adolescentes</b> .....	43
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação

O suicídio tem sido descrito como uma epidemia global e importante problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), atingindo pessoas de diferentes idades, credos, cor, classe social e etnias, por isso é importante avaliar o tema a partir de suas particularidades. Esta pesquisa abordou a relação entre *bullying* e suicídio na adolescência, porque as maiores incidências do *bullying* no Brasil foram registradas entre adolescentes de 13 a 15 anos (Silva *et al.*, 2019), sendo que a vitimização por *bullying* foi relacionado à ocorrência de depressão (Araujo *et al.*, 2023), transtorno reconhecido como fator de risco para o suicídio.

Ressalta-se que o trabalho não teve a pretensão de responder ou encerrar todas as questões envolvidas na relação entre *bullying* e suicídio, o intuito é aprofundar e ampliar as discussões sobre o tema, contribuindo, assim, para a conscientização da necessidade do desenvolvimento e ampliação de estratégias de combate ao *bullying* e de atuação para a proteção da saúde mental dos adolescentes como formas de prevenção do suicídio.

### 1.2 Tema/Levantamento bibliográfico

#### 1.2.1 Adolescência, fase de oportunidades e de riscos

A adolescência pode ser definida de diferentes maneiras por diversos órgãos e instituições. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), esse período corresponde à faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. No Brasil, o Ministério da Saúde adota o mesmo critério, compreendendo a adolescência como a fase entre 10 e 19 anos, caracterizada por intensas transformações físicas, psicológicas e sociais. Essa etapa distingue-se da juventude, que abrange pessoas de 15 a 24 anos de idade (Brasil, 2018). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069/1990, define o adolescente como a pessoa com idade entre 12 anos e 17 anos, 11 meses e 29 dias, destacando o aspecto jurídico e os direitos específicos dessa faixa etária (Brasil, 1990).

Segundo Papalia *et al.* (2013), o que chamamos adolescência é uma construção social que não existia nas sociedades pré-industriais, nas quais as crianças passavam imediatamente a serem consideradas adultas a partir do momento em que eram capazes de desempenhar as tarefas da vida adulta. Nas sociedades modernas, embora isso possa variar dependendo da cultura onde o adolescente está inserido, a adolescência constitui-se em um período mais ou menos longo de preparação da criança para ingressar na vida adulta, que se inicia com as transformações provocadas pela puberdade e se encerra com a prontidão para o casamento ou para a entrada no mercado de trabalho.

A adolescência é, portanto, um período de desenvolvimento e preparação, na qual o indivíduo vivencia intensas transformações nas esferas física, emocional, cognitiva e social. Curiosidade, agitação, medo, incerteza, irritabilidade e ansiedade são alguns dos sentimentos com os quais o adolescente precisa lidar no seu dia a dia, enquanto procura redefinir sua identidade. Segundo Papalia *et al.* (2013), no início da adolescência é comum a instabilidade de humor e intensa emotividade gerada pelas mudanças hormonais características da puberdade. Trata-se de uma fase marcada pela perda, na qual o jovem se vê subtraído de tudo aquilo que conhecia até então, que lhe gerava segurança e conforto: o corpo infantil, com sua identidade de criança e os cuidados paternos, Aberastury (1981). Elaborar o luto pela perda do corpo de criança e se adaptar às novas exigências de uma situação de indeterminação entre os aspectos infantis e adultos, gera dor e angústia e leva o jovem a investir grande parte de seu tempo e sua energia na busca de uma nova identidade.

Na atualidade, o desafio de sobreviver à adolescência e chegar à vida adulta com um saldo positivo de experiências e com uma identidade pautada em razoável equilíbrio psicológico parece ainda mais desafiador do que em outros momentos históricos, pelas características do que Bauman (1998) denominou como pós-modernidade.

A angústia da indeterminação produz no adolescente a urgência por respostas e pode levar, inclusive, a fantasias suicidas, “[...] como se o fato definitivo de ser alguém e alguém mau ou inclusive morrer de maneira total e por livre escolha fosse melhor do que ser “mais ou menos alguém...” (Aberastury, 1981, p. 78). Essa urgência inerente à situação de indeterminação vivenciada pelo adolescente ganha dimensões

preocupantes na sociedade contemporânea, regida pela superficialidade da cultura neoliberal, que substituiu os limites das situações de interdição pela ilusão da liberdade irrestrita presentificada no consumismo, com sua proposta de “compra” e aquisição imediata da satisfação plena (Costa, 2017). Além de aprofundar a sensação de urgência, a cultura pós-moderna propicia problemas de conduta, ao rechaçar os limites promovendo “(...) a ilusão de que tudo é possível, prometendo preencher a falta com a oferta de produtos, com objetos de consumo (...)” (Costa, 2017, p. 15).

Segundo Costa (2017), a adolescência é um momento em que o indivíduo testa as fronteiras e desafia a autoridade, na busca de parâmetros para construção da própria identidade. As interdições da Lei frustram, mas, ao mesmo tempo, orientam a trajetória do jovem, fornecendo segurança e estabilidade. A abolição do interdito dissolve as referências necessárias ao adolescente para entender o mundo e nele se situar, gerando desorientação e uma angústia, que pode levar à transgressão.

A intolerância à frustração é a falta de clareza dos limites que devem ser respeitados no convívio social não atingem só os adolescentes, são sintomas presentes de forma generalizada e uma de suas consequências mais danosas pode ser observada na banalização da violência, em particular da violência psicológica. Scherer *et al.* (2017), apresentam estudo realizado com estudantes do ensino médio, de 11 à 15 anos, no qual a maioria destes relatou sofrer violência psicológica, sendo, essa, majoritariamente oriunda do ambiente familiar e escolar. Em outro estudo, Cavalcanti *et al.* (2018), consignam que 7,2% dos estudantes do ensino fundamental e médio pesquisados se sentiam sempre, ou quase sempre perseguidos e humilhados.

Segundo Schneider e Pacheco (2010), fatores pessoais e contextuais influenciam as condutas na adolescência, entretanto os fatores contextuais costumam ser relativizados. O mundo externo: pais, professores, sociedade como um todo, segundo Aberastury (1981), projeta sobre os jovens suas próprias mazelas e, ao invés de compreender essa delicada fase de transição, pune os excessos da juventude, associando-os à delinquência.

Além do amadurecimento físico, sexual e cognitivo, o adolescente testa sua competência social e sua capacidade de autonomia. Nesse processo de crescimento, amadurecimento e construção da identidade, o meio no qual vive pode tanto propiciar o desenvolvimento de suas potencialidades quanto influenciar negativamente esse

desenvolvimento, gerando reflexos em sua autoestima, ou mesmo o desenvolvimento de psicopatologias e/ou comportamentos de risco. Barroso e Manita (2012), em um estudo com 165 jovens, dos quais 49 apresentavam histórico de prática de *bullying*, concluíram que a ocorrência de violência no âmbito familiar, como punições físicas e violência conjugal, estava relacionada ao surgimento de comportamentos antissociais nos jovens. Dessa forma, a adolescência se mostra um período propício para o desenvolvimento de potencialidades, entretanto o adolescente também está exposto a riscos devido às fragilidades inerentes a essa fase da vida.

### 1.2.2 *Bullying*, um problema de saúde pública?

O *bullying*, está presente em todo o mundo e é um fenômeno que atinge crianças e adolescentes, seja em escolas rurais ou urbanas, públicas ou privadas e independente das condições econômicas (Schultz, 2012).

Os primeiros estudos divulgados sobre o *bullying* foram realizados por Dan Olweus, no final da década de 70 (Olweus, 1997), no Brasil os estudos sobre o tema começaram em na década de 90 (Schultz, 2012) e em 2015, os casos recorrentes levaram à criação da Lei n. 13.185/2015<sup>1</sup>, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) (Panosso; Kienen; Brino, 2023) e, posteriormente, em julho de 2024 o Ministério da Educação, por meio da Portaria 614 de 1º de Julho de 2024<sup>2</sup>, instituiu o Grupo de Trabalho Técnico para elaborar estudos no sentido de subsidiar a implementação de políticas educacionais voltadas ao enfrentamento do *bullying*, do preconceito e da discriminação na educação.

Segundo Dan Olweus (2003), o *bullying* é uma ação de violência sistemática, desigual e recorrente, ocorrendo principalmente no âmbito escolar, na qual se identifica um agressor que tem a intenção de causar dano a alguém (vítima), que se encontra, normalmente, com pouco ou nenhum recurso para revidar.

Sabe-se que o *bullying* pode trazer diversas consequências aos envolvidos, que variam entre angústia, ansiedade, depressão e baixa autoestima, afetando, também, o rendimento escolar ou proporcionando até mesmo a evasão escolar, além

---

<sup>1</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm)

<sup>2</sup> <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-614-de-1-de-julho-de-2024-569620142>

de favorecer tentativas de suicídio e a consumação do ato (Lopes Neto, 2005). Cubas (2006), também atenta para o fato de que o *bullying* pode gerar repercussões a longo prazo, influenciando a vida adulta, com um aumento na incidência de disfunções como dificuldades em relação à autoestima e propensão à ansiedade, depressão, vergonha, altos graus de sensação de medo, desamparo, problemas de relacionamento, comportamentos agressivos e problemas com álcool.

Outros estudos apontam que o *bullying* pode ser considerado como um problema de saúde pública. No Brasil, em 2008, a porcentagem de vitimização por *bullying* foi de 28% (Schultz, 2012), nos Estados Unidos e em países europeus a incidência, entre 2021 e 2023, foi de 34% (Haile *et al.* 2024).

### 1.2.3 Suicídio

O termo suicídio é empregado desde o século XVII, embora carregue inúmeras definições, consiste, essencialmente, no ato por fim à própria vida. Está vinculado a questões como a motivação do indivíduo, a intencionalidade, que envolve planejamento e determinação e a letalidade do ato. Essas ações estão englobadas no que é denominado como comportamento suicida, no qual o sujeito inflige a si, lesões que podem ser fatais ou não. O comportamento suicida, assim é designado, independentemente de seu grau de intenção letal, porque abrange uma série de situações, desde pensamentos de autodestruição até tentativas de suicídio que culminam no suicídio (Botega, 2015).

Para a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) o suicídio é o “ato deliberado, executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção é a morte, de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal” (ABP *apud* Aguiar, 2022, p. 134). De acordo com a *World Health Organization* (WHO, 2025), em 2021, o suicídio foi a terceira principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo, a maior parte dos óbitos ocorreu em países de baixa e média renda.

No Brasil, em 2019, o suicídio também foi a terceira principal causa de morte entre jovens de 15 a 19 anos e a nona maior causa de morte entre crianças de 10 a 14 anos. Dentro do recorte temporal de 2016 a 2021, observou-se um aumento de 49,3% nos óbitos por suicídio na população de 15 a 19 anos, e de 45% entre crianças

de 10 a 14 anos, uma tendência positiva no aumento de taxas de mortalidade por suicídio entre crianças e adolescentes no país (Brasil, 2022).

Embora, a associação entre suicídio e transtornos mentais, como a depressão, seja recorrente na literatura, muitas vezes o ato de tirar a própria vida acontece impulsivamente, devido a situações de estresse com as quais o indivíduo é incapaz de lidar. Em material de orientação lançado em 2013<sup>3</sup>, o Conselho Federal de Psicologia alerta para o fato de o suicídio se constituir em um fenômeno multifatorial, que pode estar relacionado a transtornos mentais, a fragilidades psíquicas, a questões econômicas e sociais e a eventos pontuais, como brigas na família e perda de emprego, entre outros. A publicação menciona, ainda, que as pesquisas realizadas sobre o tema destacam a prevalência do suicídio entre os jovens e cita o *bullying* entre os fatores de risco (WHO, 2025).

Adolescentes envolvidos em *bullying* apresentam maiores índices de automutilação e comportamento suicida quando comparados a adolescentes que não estão envolvidos nessa situação de violência. Aqueles que são vitimizados têm um risco até seis vezes maior de ideação suicida, ou seja, pensamentos sobre a morte como alternativa ao sofrimento, com isso, o risco de suicídio é maior entre adolescentes que participam dessa violência, seja como vítima ou agressor (Costa; Miranda, 2020).

Alguns fatores de risco para o suicídio são intrínsecos, como idade, sexo, histórico de tentativa de suicídio, porém estudá-los é importante para a atuação na prevenção. Outros fatores, como os psicossociais, exercem níveis de intensidade e duração que podem variar de acordo com as fases da vida do indivíduo. Levar em consideração todos os fatores e entender como um evento doloroso é experimentado pelo indivíduo é essencial para a prática clínica em saúde mental, visto que ajuda o indivíduo a elaborar vivências traumáticas, o que pode se constituir em recurso contra o suicídio. Também devem ser levados em consideração os fatores protetivos, que são aqueles que elevam o nível de qualidade de vida (Botega, 2015).

Considerando o exposto e tendo em vista que os registros do fenômeno do *bullying*, como violência sistemática identificada principalmente no meio escolar, têm aumentado, afetando gravemente a saúde mental dos envolvidos e podendo de ser

---

<sup>3</sup> Conselho Federal de Psicologia O Suicídio e os Desafios para a Psicologia / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013. 152p.

considerado um importante problema de saúde pública (Costa; Miranda, 2020), este trabalho questiona sobre sua relação com o suicídio na adolescência.

### 1.3 Objetivos

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Investigar o fenômeno do *bullying* e sua relação com o suicídio entre adolescentes.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- Compreender a dinâmica do *bullying* entre adolescentes e seus pares e sua relação com os números de suicídio nesta população;
- Ampliar a discussão sobre o *bullying* e seus efeitos nocivos sobre quem o sofre e quem o pratica, considerando as tentativas de suicídio;
- Contribuir para o combate do *bullying* e prevenção do suicídio apresentando fatores de risco e proteção que relacionam um fenômeno ao outro.

### 1.4 Hipóteses

A presente pesquisa parte da formulação das seguintes hipóteses:

**H<sub>0</sub>:** O *bullying* não apresenta relação relevante com o suicídio entre adolescentes.

**H<sub>1</sub>:** O *bullying* apresenta relação relevante com o suicídio entre adolescentes.

### 1.5 Justificativa

A adolescência é um momento de transição entre a infância e a vida adulta, por isso se trata de uma fase desafiadora, com dúvidas e anseios sobre si, o mundo e o futuro. Além disso, o adolescente busca consolidar sua identidade por meio de referências externas, nesse sentido, pertencer a um grupo pode ser muito importante.

A escola, por ser um dos principais espaços de socialização dos jovens é fundamental no processo de pertencimento.

Todavia, o ambiente escolar pode não ser completamente saudável, ocorrendo situações de hostilidade e violência entre pares. Nesse contexto, uma das questões que afligem crianças e adolescentes é o *bullying*, um tipo de violência sistemática e repetida, praticada, em geral, por um grupo contra determinado indivíduo, normalmente mais frágil. Sabendo que, o suicídio é uma das principais causas de morte de crianças e adolescentes entre 10 a 19 anos e, também, que os casos envolvendo essa população aumentaram quase 50% nos últimos anos (Brasil, 2022), o estudo sobre a relação entre *bullying* e suicídio na adolescência pode ser de extrema relevância para a prevenção da cadeia de eventos que pode culminar em um desfecho fatal.

Diante do exposto, a presente pesquisa visa investigar se o *bullying* é um fator de risco para o suicídio entre estudantes, na fase da adolescência, entre 10 a 19 anos. Nessa faixa-etária, devido a transformações físicas, psicológicas, cognitivas e sociais, o indivíduo precisa lidar com demandas desafiadoras que permeiam a transição para a idade adulta, como pressão na escola, dificuldade de relacionamento com os pais, questões de cunho amoroso, conflitos de identidade, necessidade de pertencimento e de se integrar a um grupo, entre outras.

O *bullying* tem sido apontado como fator de risco para transtornos mentais, todavia, apesar de sua alta prevalência, não é um fenômeno inerente à adolescência, mas uma experiência traumática evitável. Desta forma, uma das motivações desse tema de pesquisa, é promover a conscientização sobre o fato de que o *bullying* pode ser eliminado das escolas ou, no mínimo, reduzido ao ponto de deixar de ser banal e de ser visto como parte corriqueira do cotidiano escolar.

Além do mais, é importante que os profissionais de saúde estejam comprometidos com a saúde integral do indivíduo, nesse sentido, pesquisar sobre a relação entre *bullying* e suicídio na adolescência pode contribuir para a compreensão dos fatores que favorecem a violência entre pares e seus impactos na saúde mental dos envolvidos. A partir disso, é possível definir, ainda, medidas de cuidados psicológicos para a elaboração do sofrimento das vítimas e prevenção do suicídio. A conscientização da comunidade escolar sobre este problema pode ser outro benefício trazido pelo trabalho. É fundamental que o fenômeno do *bullying* seja compreendido

e gerido na proporção de sua importância, embora suas manifestações sejam corriqueiras no cotidiano escolar.

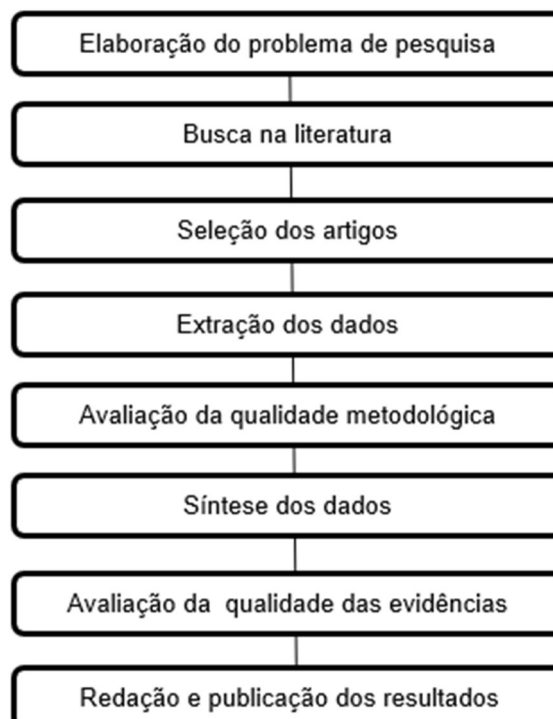
## 2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, com análise de dados qualitativa. De acordo com Gil (2002), as pesquisas exploratórias visam tornar um determinado problema mais claro ou gerar hipóteses que possam ser testadas em estudos posteriores. Como objetivo principal é a exploração e a descoberta, o planejamento dessas pesquisas é flexível, podendo se basear em entrevistas, estudos de casos e pesquisa bibliográfica, sendo esta última, a mais utilizada.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica utiliza materiais que já foram publicados por outros autores, como livros e artigos científicos. Praticamente todos os tipos de pesquisas, independentemente de seus procedimentos, utilizam materiais bibliográficos, porém algumas pesquisas são baseadas somente em fontes bibliográficas, como será o caso desse estudo. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é que ela possibilita ao pesquisador explorar uma variedade muito maior de especificações do que seria possível se o investigador fosse buscar esses dados diretamente (Gil, 2002).

Para tanto, optou-se por uma revisão sistemática de literatura que segue 8 etapas, conforme Figura 1.

Figura 1 – Etapas da revisão sistemática



Fonte: Adaptado de Galvão e Pereira (2014, p. 183).

Por fim, a pesquisa qualitativa busca compreender a complexidade da experiência humana, explorando particularidades dos fenômenos subjetivos. Logo, é uma abordagem que dispensa análises quantitativas, e, também, por isso, não existe a pretensão de generalizar seus resultados para todo um universo (Günther, 2006).

## **2.1 Participantes e local**

Considerando que o estudo realizado é uma revisão sistemática de literatura, o item 'participantes e locais' não é aplicável, pois esse tipo de estudo não envolve uma coleta de dados diretamente de indivíduos. De acordo com Roever (2017, p. 127), “a revisão sistemática consiste em um processo de pesquisar, selecionar, avaliar, sintetizar e relatar as evidências clínicas sobre uma determinada pergunta e/ou tópico”.

## **2.2 Instrumentos**

Os instrumentos para a coleta de dados foram as bases de dados de literatura Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS/BIREME), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE/PUBMED).

## **2.3 Aparatos**

Para a realização do estudo foi necessário o uso de computador conectado à internet, bases de dados na internet e de um programa de edição de texto como o *Word*.

## **2.4 Procedimentos para coleta de dados**

Os dados foram pesquisados por meio das bases de dados de literatura Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS/BIREME), Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE/PUBMED).

Os descritores utilizados foram: suicídio; adolescência; adolescente; *bullying*; *cyberbullying*. Para critérios de inclusão foram considerados estudos publicados em

português, inglês e espanhol nos últimos cinco anos (2019 a 2024) e que discutiam a temática entre *bullying* e suicídio na adolescência nas Américas. Também foram incluídos apenas artigos que apresentavam os descritores definidos no título e/ou resumo. Foram excluídos os artigos não disponíveis na íntegra e, também, aqueles que fugiam ao tema central que se pretende investigar e que não atendiam aos critérios de inclusão.

## 2.5 Procedimentos para análise de dados

Adotou-se a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), o processo de análise dos dados compreende três etapas distintas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, conclusão e interpretação. A fase inicial da Análise de Conteúdo é a etapa que inclui a leitura dos materiais e escolha daqueles que irão compor o estudo, assim, os dados que serão utilizados na análise devem ser sistematizados e categorizados conforme os objetivos da pesquisa.

Essa etapa é desenvolvida a partir de diversas atividades não estruturadas, ou seja, é uma fase na qual o pesquisador tem maior liberdade. Ela se inicia com a leitura flutuante de materiais sobre o tema que se deseja conhecer. Bardin (2016) buscou nesse caso, fazer uma analogia à psicanálise, assim, deve-se estabelecer o primeiro contato com textos relacionados ao assunto principal, “deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 2016, p. 126). Em suma, as leituras iniciais são feitas de maneira mais livre, sem a preocupação de encontrar este ou aquele resultado, e aos poucos, conforme se avança, os dados aparecem de maneira mais precisa e os *insights* sobre o tema vão surgindo.

Em seguida, Bardin (2016) sugere a escolha dos documentos. Essa tarefa consiste em analisar quais materiais correspondem aos objetivos da pesquisa, assim, deve-se atentar para o universo de pesquisas que possam responder ao problema levantado. Isso é feito com base em 4 regras, que são a regra da exaustividade; regra da representatividade; regra da homogeneidade e; regra da pertinência. Quanto à primeira regra, primeiro o pesquisador define qual será o conjunto de documentos a ser analisado, não deixando absolutamente nada de fora, essa tarefa é guiada pela não seletividade. Isso foi feito realizando uma pesquisa abrangente de artigos científicos nas bases de dados BVS, PUBMED e Scielo com a temática da relação entre *bullying* e suicídio entre estudantes. A seguir, quando se faz necessário, é

importante atender à regra da representatividade, que visa reduzir o universo a uma amostragem para a análise (Bardin, 2016). Nesse caso, essa pesquisa tomou como amostragem, a relação entre *bullying* e suicídio na adolescência.

A homogeneidade requer que os materiais definidos sejam homogêneos, em outras palavras, devem ser coletados atendendo a critérios precisamente delimitados (Bardin, 2016). Nesta pesquisa, foram incluídos estudos que abordassem, o *bullying* e suicídio em adolescentes entre 10 a 19 anos, estudos publicados entre os anos de 2019 a 2024 e estudos primários. De acordo com Galvão e Pereira (2014, p. 183) “Entende-se por estudos primários os artigos científicos que relatam os resultados de pesquisa em primeira mão.”

Por fim, a regra da pertinência exige que o pesquisador mantenha em sua análise apenas os materiais que tenham relação direta com o objetivo de sua pesquisa. Na etapa de formulação das hipóteses e objetivos, o pesquisador com base em sua investigação prévia levanta hipóteses acerca do seu tema, que poderá se confirmar ou não, ao final da pesquisa. Depois dessas tarefas concluídas, o material deve ser preparado para as etapas seguintes, ou seja, organizado. (Bardin, 2016).

Na segunda fase, os dados organizados são explorados para categorização, a fim de interpretar e compreender os dados de maneira sistemática, preparando-os para as conclusões e interpretações que serão feitas posteriormente, é a fase em que os materiais e dados selecionados para compor a análise são transformados em categorias de análise. Finalmente, na terceira etapa, realiza-se o tratamento dos dados organizados e analisados, é o momento em que o pesquisador atribui sentidos e significados aos dados encontrados (Bardin, 2016).

## **2.6 Ressalvas éticas**

A pesquisa foi desenvolvida com base nos preceitos do Código de Ética do Psicólogo. Também foram respeitados os direitos autorais dos autores e estudiosos consultados, sempre mencionando e referenciando as fontes devidamente.

### 3 RESULTADOS

No Quadro 1 são apresentados os resultados dos artigos selecionados para compor a análise do tema, conforme pesquisas realizadas nas bases de dados PUBMED, BVS e Lilacs e atendendo aos critérios de inclusão e exclusão definidos para esse estudo.

**Quadro 1** – Síntese dos estudos selecionados (continua)

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Base de Dados/ Descritores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Conclusão</b>
Someone to talk to: the association of mentorship and cyberbullying with suicidality among US high school students	Aguayo <i>et al.</i> (2022).	BVS/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Investigar se ter um relacionamento de mentoria com um adulto na escola está associado a menores riscos de ideação, planejamento e tentativa de suicídio, especialmente entre jovens expostos ao <i>cyberbullying</i> .	Estudo transversal. Amostra: 22.592 adolescentes de 14 a 18 anos, do 9º ao 12º ano em escolas públicas de ensino médio.	Ter alguém na escola com quem conversar (mentoria) está fortemente associado à redução do risco de suicídio entre adolescentes, especialmente aqueles expostos ao <i>cyberbullying</i> .
Sexual minority youth's mental health and substance use: The roles of victimization, cybervictimization, and non-parental adult support	Bishop; Ioverno; Russell (2023).	PUBMED/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Investigar como o <i>bullying</i> , a cibervitimização e o apoio de adultos não parentais contribuem para a vulnerabilidade de jovens minorias sexuais em relação à saúde mental e ao uso de substâncias.	Estudo transversal. Amostra: 2.045 adolescentes, com idade entre 14 e 16 anos.	Jovens de minorias sexuais relataram menos apoio dos pais ou adultos não parentais, o que foi associado a mais tristeza, suicídio e uso de múltiplas substâncias. O estudo se soma às evidências existentes de que a vitimização aumenta a suscetibilidade de jovens com transtornos mentais graves a riscos de saúde mental e uso de substâncias.

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
ACEs and mental health problems as suicidality predictors in Mexican adolescents	Casas-Muñoz <i>et al.</i> (2024).	LILACS/BVS <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Examinar a relação entre Experiências Adversas na Infância (ACEs) e problemas de saúde mental (MHP) como preditores de comportamento suicida em adolescentes mexicanos.	Estudo observacional. Amostra: 7.325 adolescentes (média de 16 anos).	Entre os preditores de ACEs, o <i>bullying</i> teve um Odds Ratio (OR) de 2,10, indicando que a experiência de <i>bullying</i> aumentou significativamente o risco de comportamento suicida entre os adolescentes.
A longitudinal study examining the associations of bullying victimization and suicidal ideation among sexual minority adolescents	De Luca <i>et al.</i> (2021).	PUBMED/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Examinar as associações longitudinais entre o <i>bullying</i> , o status de minoria sexual (adolescentes de minorias sexuais), a ideação suicida, além de investigar como a conexão com os pais e a escola pode mediar essa relação.	Estudo longitudinal. Amostra: 4.898 crianças nascidas em famílias com maior risco de divórcio/separação desde o nascimento do filho até os 15 anos.	Aos 9 anos, os participantes de minorias sexuais relataram níveis mais altos de <i>bullying</i> diário (26%) em comparação com seus pares heterossexuais (14%). Aos 15, adolescentes de minorias sexuais relataram sofrer <i>bullying</i> diariamente (7%) e semanalmente (20%). Uma parcela maior de adolescentes de minorias sexuais (32%) teve ideação suicida em comparação com seus pares heterossexuais (13%). A conexão parental e escolar protegeu os adolescentes, independentemente da orientação sexual, contra ideação suicida, mas o apego parental diminuiu o efeito da ideação nos adolescentes de minorias sexuais mais do que a conexão escolar.

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
Experiences and Correlates of Violence Among American Indian and Alaska Native Youth: A Brief Report.	Edwards <i>et al.</i> (2021)	PUBMED/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Documentar o escopo e os correlatos da vitimização nos últimos 6 meses entre jovens indígenas americanos (IA) e nativos do Alasca (AN). Os tipos de vitimização sob investigação incluíram agressão sexual, violência no namoro, <i>bullying</i> , compartilhamento de fotos nuas, assédio sexual, provocações homofóbicas e racismo.	Estudo transversal. Amostra: 400 jovens IA e AN do 7º ao 10º ano que responderam a uma pesquisa na escola, de 12 a 16 anos.	O racismo e o assédio sexual ocorreram com mais frequência do que a agressão sexual e a violência no namoro. Meninos mais velhos, meninas e minorias sexuais foram os mais afetados. Comparado às não vítimas, o status de vítima foi consistentemente relacionado a sintomas depressivos, ideação suicida e uso de álcool e foi menos consistentemente correlacionado com sentimentos de importância escolar.
Trends in Suicidality and Bullying among New York City Adolescents across Race and Sexual Identity: 2009–2019	English <i>et al.</i> (2024).	PUBMED/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Examinar trajetórias de ideação e tentativa de suicídio autorrelatadas e suas associações com <i>bullying</i> entre adolescentes da cidade de Nova York.	Estudo transversal. Amostra: ponderada de 228.626 de alunos do 9º ao 12º, de 14 a 18 anos, entre 2009 e 2019.	Alunos gays, lésbicas e bissexuais (GLB) tinham duas vezes mais probabilidade de experimentar ideação suicida, mais de cinco vezes mais probabilidade de tentar suicídio e cerca de duas vezes mais probabilidade de sofrer <i>bullying</i> do que seus pares heterossexuais. Entre os adolescentes GLB, os jovens negros deste grupo eram o único grupo para o qual a ideação e a tentativa de suicídio estavam aumentando, taxas que estavam vinculadas a aumentos em ambas as formas de <i>bullying</i> .

## Continuação

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Base de Dados/ Descritores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Conclusão</b>
Exploration of Experiences and Perpetration of Identity-Based Bullying Among Adolescents by Race/Ethnicity and Other Marginalized Identities	Gálan et al. (2021).	PUBMED/ Bullying AND Suicide AND Adolescent	Examinar associações entre experiências de bullying com base em raça/etnia/origem nacional e outras identidades sociais e resultados de saúde dos jovens, saúde mental e violência.	Estudo transversal. Amostra: 3.939 adolescentes, com idade média de 15,7 anos.	Os resultados mostraram que jovens com múltiplas identidades estigmatizadas, incluindo raça/etnia, minoria sexual e trans, enfrentaram altas taxas de bullying e perpetraram bullying. Essas experiências foram associadas a cuidados de saúde tardios, abandono de cuidados médicos, automutilação não suicida, ideação suicida e maior envolvimento em violência. Especificamente, jovens negros e hispânicos trans relataram as taxas mais altas de bullying baseado em identidades estigmatizadas.
Cyberbullying and Victimization and Youth Suicide Risk: The Buffering Effects of School Connectedness	Kim et al. (2020).	BVS/ Bullying AND Suicide AND Adolescent	Examinar o papel protetor potencial da conexão escolar na relação entre <i>cyberbullying</i> e comportamento de risco de suicídio	Estudo longitudinal. Amostra: 93 adolescentes de 15 anos em média.	As descobertas indicaram que ser vítima de <i>cyberbullying</i> , mas não um perpetrador, estava associado ao aumento do risco de suicídio e que as conexões com a escola moderaram essa relação, pois, entre os jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> , aqueles mais conectados à escola eram menos propensos a relatar comportamento suicida.
National Trends and Disparities in Bullying and Suicidal Behavior Across Demographic Subgroups of US Adolescents	Kreski et al. (2022).	BVS/PUBMED/ Bullying AND Suicide AND Adolescent	Estimar tendências e disparidades nesses fatores, juntamente com dados demográficos importantes.	Estudo transversal. Amostra: $\cong$ 15.000 adolescentes de 14 a 18 anos dos EUA que frequentavam a escola do 9º ao 12º ano.	O <i>bullying</i> foi mais prevalente entre as meninas. A prevalência de vitimização por <i>bullying</i> entre adolescentes gays e lésbicas passou de 31,6% para 44,5% entre 2015 e 2019. As tentativas de suicídio apresentaram maiores taxas nos grupos mais afetados pelo <i>bullying</i> .

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
Trends in Adolescent Online and Offline Victimization and Suicide Risk Factors Gender, Bullying Victimization, Depressive Symptoms, and Suicidality.	Kreski <i>et al.</i> (2021).	BVS/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Examinar as tendências na vitimização online e offline entre adolescentes dos Estados Unidos, entre os anos de 2011 e 2019.	Estudo transversal. Amostra: 73.074 adolescentes, com idade entre 14 e 18 anos.	A vitimização online e offline não aumentou entre 2011 e 2019, mas continua associada ao risco de suicídio. A falta de mudança sugere que outros fatores além da vitimização contribuem para o aumento dos comportamentos suicidas entre adolescentes.
Trends and instigators among young adolescent suicide in the United States	Labuhn <i>et al.</i> (2022).	BVS/PUBMED/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Examinar o papel dos fatores envolvidos na ideação suicida e na tentativa de suicídio usando uma amostra nacionalmente representativa de estudantes do ensino médio dos Estados Unidos.	Estudo transversal. Amostra: 11.328 adolescentes, 9º ao 12º ano, de 14 a 18 anos.	O fator mais associado à ideação suicida foi o <i>bullying</i> (eletrônico ou físico), enquanto o fator mais associado à tentativa de suicídio foi a violência sexual, seguida pelo <i>bullying</i> físico.
Victimization, Poverty, and Resilience Resources: Stress Process Considerations for Adolescent Mental Health.	Nurius <i>et al.</i> (2020).	PUBMED/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Investigar os efeitos graduais de duas formas principais de adversidade precoce (vitimização e pobreza) na saúde mental de adolescentes.	Estudo transversal. Amostra: 11.222 adolescentes com idade média de 14,93 anos.	A vitimização e a pobreza foram mais frequentes em grupos vulneráveis, como adolescentes do sexo feminino, minorias raciais/étnicas e aqueles com menos recursos de resiliência.  A exposição a múltiplas formas de vitimização (como violência por adultos, <i>bullying</i> , violência no namoro e sensação de insegurança na escola) teve um efeito cumulativo, exacerbando os riscos para a saúde mental, principalmente em depressão, suicídio e bem-estar psicológico mais amplo.

## Continuação

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Base de Dados/ Descritores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Conclusão</b>
Predicción de autolesiones e ideación suicida en adolescentes a partir de la victimización de pares	Resett; Caino (2020).	LILACS/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Investigar a relação entre a vitimização por pares ( <i>bullying</i> ) e comportamentos de autolesão e ideação suicida em adolescentes.	Estudo transversal. Amostra: 532 adolescentes argentinos (41% homens, média de idade 13,8 anos).	Vítimas e agressores-vítimas apresentaram maiores níveis de ideação suicida e autolesões. A vitimização prediz ideação suicida e autolesões mesmo após controlar a depressão. Gênero influencia os resultados, com mulheres relatando mais autolesões e ideação.
Factors Associated With Suicide Risk Behavior Outcomes Among Black Middle School Adolescents	Richardson; Gunn (2024).	PUBMED/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>		Estudo transversal. Amostra: 7.643 adolescentes negros do ensino fundamental, do 6º ao 8º ano nos Estados Unidos, de 11 e 14 anos.	Aproximadamente 28% relataram tendências suicidas. As taxas de prevalência encontradas foram de cerca de 1 em cada 4 BMSA para ideação suicida, 1 em cada 6 para planejamento suicida e 1 em cada 10 para tentativa de suicídio. BMSA do sexo feminino, vítimas de <i>cyberbullying</i> e BMSA portando arma apresentaram probabilidade significativamente maior de todas as medidas de desfecho de suicídio.
Violence and psychosocial stress: A 10-year time trend analysis	Santos <i>et al.</i> (2021).	LILACS/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Analisar a tendência temporal do estresse psicossocial e sua associação com a exposição à violência em adolescentes.	Estudo transversal. Amostra: 16.473 adolescentes, dos 15 aos 17 anos.	Todos os tipos de violência estiveram associados a um maior estresse psicossocial para ambos os sexos, incluindo o <i>bullying</i> . A exposição à violência está associada ao estresse psicossocial em ambos os sexos, mas as associações mais fortes ocorreram entre as meninas.

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
Prevalence and correlates of physical bullying behaviours (on/off-school property) among adolescents in Saint Vincent and the Grenadines	Sarfo <i>et al.</i> (2024).	PUBMED/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Examinar a prevalência e os correlatos do <i>bullying</i> físico entre adolescentes de São Vicente e Granadinas.	Estudo transversal. Amostra: 1.876 alunos, de 13 a 17 anos.	O <i>bullying</i> físico dentro e fora da escola foi prevalente em 24% e 18%, respectivamente. Após o ajuste para outros preditores, constatamos que os homens eram menos propensos a sofrer <i>bullying</i> dentro da escola do que as mulheres. No entanto, ser um adolescente mais jovem ( $\leq 15$ anos), ser agredido fisicamente, sofrer <i>cyberbullying</i> e ter ideias suicidas foram associados a maiores chances de sofrer <i>bullying</i> físico dentro da escola. Além disso, ser agredido fisicamente, sofrer <i>cyberbullying</i> , estar preocupado e ter planos suicidas aumentaram as chances de sofrer <i>bullying</i> físico fora da escola.
Impact of Body Weight Perceptions and Electronic Bullying on Suicide-Related Risk Behaviors among Youth: Results from Youth Risk Behavior Surveillance System, 2015	Singh <i>et al.</i> (2020).	BVS/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Verificar se status do peso corporal e o <i>bullying</i> estão associados ao aumento de transtornos de saúde mental	Estudo transversal. Amostra: 15.506 alunos do 9º ao 12º ano, 14 anos 18 anos.	<i>Bullying</i> , na escola e eletronicamente, foi significativamente associado a todos os comportamentos suicidas

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
School and electronic bullying among adolescents: Direct and indirect relationships with sadness, sleep, and suicide ideation.	Sutter <i>et al.</i> (2023).	BVS/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Examinar a prevalência de vitimização por <i>bullying</i> (escolar/eletrônico) em adolescentes, sintomas depressivos (tristeza; sono) e ideação suicida, bem como suas associações, incluindo relações diretas e indiretas, incluindo a exploração de diferenças por gênero e raça/etnia	Estudo transversal. Amostra: 13.677 adolescentes norte-americanos, entre 14 a 18 anos.	O estudo concluiu que sofrer <i>bullying</i> na adolescência aumenta o risco de autolesão e pensamentos suicidas, independentemente da presença de depressão.
The effect of bullying and cyberbullying on predicting suicide risk in adolescent females: The mediating role of depression	Tabares <i>et al.</i> (2024).	LILACS/BVS/PU BMED <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Analisar o papel da depressão como mediadora na associação entre <i>bullying/cyberbullying</i> e risco de suicídio em adolescentes do sexo feminino.	Estudo observacional. Amostra: 751 adolescentes colombianas (11–17 anos).	45,5% das adolescentes apresentaram risco suicida; depressão mediou a relação entre vitimização e risco. Vítimas de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> tiveram efeitos indiretos significativos no risco suicida via depressão. Fatores como apoio social e supervisão parental são críticos para prevenção.
Non-Suicidal self-injury and suicide in depressed Adolescents: Impact of peer victimization and bullying.	Vergara <i>et al.</i> (2019).	BVS/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Identificar se processos interpessoais diferenciam os adolescentes que idealizam e tentam suicídio	Estudo transversal: Amostra: 223 adolescentes, com idades entre 13 e 18 anos.	Jovens com histórico de autolesão e tentativa de suicídio relataram níveis mais altos de vitimização por pares e de perpetração de <i>bullying</i> em comparação com aqueles com apenas autolesão e ideação suicida.

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
Associations of bullying perpetration and peer victimization subtypes with preadolescent's suicidality, non-suicidal self-injury, neurocognition, and brain development.	Wen <i>et al.</i> (2023).	PUBMED/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Examinar as associações da vitimização geral e específica por pares/perpetuação de <i>bullying</i> com (1) suicídio e automutilação não suicida de pré-adolescentes; (2) função executiva e memória, incluindo inibição da atenção, velocidade de processamento, memória de trabalho emocional e memória episódica; (3) anormalidades na estrutura cerebral; e (4) distúrbios da rede cerebral. Idade, sexo, raça/etnia, índice de massa corporal (IMC), status socioeconômico (SSE).	Estudo de coorte retrospectivo. Amostra: 5.819 participantes com idades entre 10 e 13 anos foram incluídos neste estudo, os dados foram coletados entre julho de 2018 e janeiro de 2021.	Tanto a vitimização quanto a perpetração de <i>bullying</i> , em suas diversas formas, elevam os riscos de ideação e tentativa de suicídio, além de automutilação em pré-adolescentes.
Neural reactivity to threat impacts the association between bullying victimization and suicide risk in youth.	Yang <i>et al.</i> (2023).	BVS/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Investigar como a vitimização por <i>bullying</i> e a reatividade neural à ameaça afetam o risco de suicídio em jovens.	Estudo transversal. Amostra: 91 jovens, entre 16 a 19 anos.	Jovens com maior reatividade neural à ameaça são mais vulneráveis ao suicídio em resposta ao <i>bullying</i> .

## Continuação

Título	Autores	Base de Dados/ Descritores	Objetivo	Método	Conclusão
Frequent Social Media Use and Experiences with Bullying Victimization, Persistent Feelings of Sadness or Hopelessness, and Suicide Risk Among High School Students - Youth Risk Behavior Survey, United States, 2023.	Young <i>et al.</i> (2024).	PUBMED/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Estimar a prevalência do uso frequente de mídias sociais entre estudantes do ensino médio dos EUA e as associações entre o uso frequente de mídias sociais e experiências de vitimização por <i>bullying</i> , sentimentos persistentes de tristeza ou desesperança e risco de suicídio.	Estudo transversal. Amostra: 20.103 adolescentes de escola pública ou privada do 9º ao 12º ano, de 14 a 18 anos.	No geral, 77,0% dos estudantes relataram uso frequente de mídias sociais, com diferenças observadas por sexo, identidade sexual e identidade racial e étnica. O uso frequente de mídias sociais foi associado a uma maior prevalência de vitimização por <i>bullying</i> na escola e virtualmente e conseqüente, sentimentos persistentes de tristeza ou desesperança e algum risco de suicídio entre estudantes (considerando tentar suicídio e tendo feito um plano de suicídio).
The association between victimization experiences and suicidality: The mediating roles of sleep and depression	Yu e Zhu (2023).	PUBMED/ <i>Bullying AND Suicide AND Adolescent</i>	Compreender as relações entre as múltiplas formas de vitimização (incluindo <i>bullying</i> na escola, ameaças na escola, <i>bullying</i> eletrônico, vitimização sexual, vitimização em encontros sexuais e vitimização em encontros físicos)e a suicidalidade, examinando os potenciais mediadores da duração do sono e da depressão.	Estudo transversal. Amostra: 13.677 adolescentes americanos do 9º ao 12º ano, de 14 a 18 anos.	Uma maior duração do sono é um importante fator de proteção, apontando o caminho a seguir para o desenvolvimento de estratégias de prevenção ao suicídio e intervenções direcionadas para adolescentes.

## Conclusão

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Base de Dados/ Descritores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Conclusão</b>
Sedentary Behavior and School Bullying in Adolescents: An Analysis Based on a National Survey in Colombia.	Zapata-López. ; Tonguino-Rosero; Mèndez (2024).	BVS/ <i>Bullying</i> AND <i>Suicide</i> AND <i>Adolescent</i>	Examinar a associação entre comportamentos sedentários e a vitimização por <i>bullying</i> no contexto social de adolescentes colombianos.	Estudo transversal. Amostra: 78.772 adolescentes colombianos de 13 a 17 anos.	O comportamento sedentário está associado ao aumento da vitimização por <i>bullying</i> entre adolescentes colombianos. Fatores como gênero, etnia, fome recente, problemas de saúde e tipo de escola também influenciam essa relação.

Fonte: As autoras (2025).

## 4 DISCUSSÃO

Nesta seção é apresentada a discussão dos dados coletados a partir dos artigos elencados no Quadro 1. O estudo destacou cinco categorias principais, eleitas pela recorrência do tema tratado, essas categorias são apresentadas e discutidas a seguir:

### 4.1 *Bullying* e Suicídio

O *bullying* é caracterizado por exclusão e/ou por agressões físicas, verbais ou psicológicas repetitivas e recorrentes, sem motivo aparente, causando sofrimento psíquico à vítima, que, invariavelmente, encontra-se sem recursos para se defender (Silva, 2008).

A experiência de ser vítima de agressões por colegas, seja presencialmente ou por meio eletrônico (*cyberbullying*), é considerada um fator de risco, com impactos significativos que afetam negativamente a saúde mental dos adolescentes.

Estudos mostram que a prática do *bullying* está fortemente ligada à ideação e ao planejamento do suicídio entre adolescentes e indicam, ainda, que o aumento no número de relatos de *bullying* é proporcional ao aumento das taxas de suicídio entre jovens (Casas-Muñoz *et al.*, 2024).

Um estudo realizado por Resett e Caino (2020), com uma amostra de 532 adolescentes da cidade de Paraná, Argentina, mostrou uma forte relação entre vitimização por pares, automutilação e ideação suicida. Mesmo levando em conta o nível de depressão, os dados revelaram que a vitimização explicou 7% dos casos de automutilação e 5% dos pensamentos suicidas. Entre os adolescentes avaliados, 19% relataram ser vítimas de *bullying*, enquanto 7% se classificaram como vítimas e agressores ao mesmo tempo. Estes dois grupos apresentaram os maiores níveis de sofrimento psíquico. Além disso, o estudo apontou que meninas relataram mais casos de comportamentos autolesivos e pensamentos suicidas do que os meninos, sugerindo uma diferença significativa entre os sexos.

O *bullying* demonstrou ter um impacto especialmente sério sobre a saúde mental das meninas, sendo que a ideação suicida aparece de forma significativamente mais acentuada entre elas do que o observado entre os meninos, apontando a necessidade de abordagens que considerem as especificidades de gênero.

De acordo com Yang *et al.* (2023), a vitimização por *bullying* está associada a níveis mais elevados de ideação suicida. Um estudo de neuroimagem conduzido com jovens entre 16 e 19 anos indicou que diferenças individuais na reatividade cerebral a estímulos de ameaça podem intensificar a predisposição ao suicídio, sobretudo em contextos de exposição repetida ao *bullying*. Os participantes responderam a um questionário de auto relato acerca da vitimização por *bullying* e do risco de suicídio, além de realizarem um exame de ressonância magnética funcional, onde visualizaram imagens negativas e neutras. A análise concentrou-se na reatividade da ínsula anterior e da amígdala. O estudo indicou que, entre jovens com elevada reatividade da ínsula anterior, a vitimização por *bullying* esteve associada a maior risco de suicídio. Por outro lado, entre aqueles com baixa reatividade, a associação não foi observada. Os resultados mostraram que a alta reatividade nesta área do cérebro pode tornar os jovens mais vulneráveis aos efeitos do *bullying*, representando um grupo de maior risco para comportamentos suicidas. Dessa forma, o estudo da reatividade da ínsula anterior pode ser considerado um possível foco para estratégias de prevenção.

Santos *et al.* (2021), analisaram dados colhidos de jovens participantes do projeto ATTITUDE, realizado em Pernambuco, Brasil. Eles acompanharam adolescentes por dez anos e seus estudos apontaram a relevância do *bullying* como determinante do sofrimento psicológico. Os dados mostram que, de 2006 a 2016, o nível de estresse entre os jovens teve um aumento significativo especialmente entre as meninas. Um dos motivos foi a chamada “polivitimização”, ou seja, quando a adolescente sofre vários tipos de violência ao mesmo tempo, como *cyberbullying*, *bullying*, agressão física e verbal. Isso está fortemente ligado a um agravamento da saúde mental. Embora o suicídio não tenha sido tratado de forma central, o estresse psicossocial é reconhecido como um fator de risco relevante para ideação e comportamento suicida (Santos *et al.*, 2021).

Aguayo *et al.* (2022), apresenta estudo realizado com mais de 25 mil estudantes, no qual associou menor risco de suicídio a jovens que tem um relacionamento de mentoria escolar, com um adulto de confiança para dialogar, sendo que a presença da mentoria reduziu em parte os efeitos negativos do *cyberbullying*. Os resultados do estudo indicam que um vínculo de apoio na escola pode ser um fator

protetivo importante contra o suicídio entre jovens, especialmente os expostos ao *bullying* virtual.

Esses estudos reforçam a importância de estratégias de prevenção que considerem as diferenças de gênero, aspectos emocionais e psicológicos, além do fortalecimento de redes de apoio para proteger os jovens contra o risco de suicídio.

#### **4.2 *Bullying* e suicídio na adolescência: um recorte por gênero**

Diversos estudos demonstram que adolescentes do sexo feminino vítimas de *bullying* são mais suscetíveis a ideações suicidas e/ou tentativas de suicídio (Resett; Caino, 2020; Santos *et al.*, 2021; Labuhn *et al.*, 2022; Tabares *et al.*, 2024). O estudo de Resett e Caino (2020) mostrou que sofrer comentários ofensivos sobre a aparência física e ser excluído do grupo são tipos de *bullying* que estão associados a uma taxa maior de ideação suicida em adolescentes. Embora meninos e meninas sofressem *bullying* em proporções parecidas, as meninas apresentaram níveis mais elevados de automutilação e ideações suicidas.

Acredita-se que as mulheres tendem a sofrer mais com a rejeição, enquanto o sexo masculino é menos afetado por validações relativas à aparência física. O estudo de Bandeira e Hutz (2010) incluiu 465 adolescentes, sendo 52,7% do sexo masculino. Os resultados mostraram que entre os meninos, vítimas/agressores tiveram autoestima mais alta que as meninas no mesmo papel, inclusive a rejeição de colegas não pareceu afetar a autoestima deles como das vítimas do sexo feminino. Por outro lado, exclusivamente entre as meninas, as agressoras demonstraram maior autoestima quando comparadas a meninas vítimas/agressoras.

Esse cenário de baixa autoestima entre meninas vítimas de *bullying* também pode ser compreendido à luz das pressões estéticas enfrentadas por elas desde a infância. Naomi Wolf (1992), em sua obra *O Mito da Beleza* já alertava para a naturalização precoce da insatisfação corporal entre meninas, ela mencionou uma pesquisa realizada com 494 estudantes adolescentes em São Francisco, na qual mais da metade das participantes se via acima do peso, embora apenas 15% realmente preenchessem os critérios clínicos para excesso de peso. Além disso, 31% das meninas de 9 anos já se consideravam gordas, e 81% das de 10 anos afirmavam estar fazendo dieta. Para Wolf (1992), a construção da identidade feminina na sociedade

moderna está atrelada principalmente à sua “beleza”, à “aparência”, de modo que as mulheres se tornaram muito mais vulneráveis à aprovação externa.

Papalia *et al.* (2013) também discute a questão da autoestima e insatisfação corporal entre meninas. Elas mencionam um estudo realizado em 2008, o qual revelou que até 55% de crianças do sexo feminino com idades de 9 a 12 não estavam felizes com seu peso. Por exemplo, a boneca *Barbie* é uma figura que exerce importante influência sobre a perpetuação de uma cultura ideal de beleza, o que conseqüentemente afeta as mulheres desde a mais tenra idade, pois “as meninas que não se encaixam nas medidas podem experimentar insatisfação corporal – pensamentos negativos sobre seus corpos, levando à baixa autoestima” (Papalia *et al.*, 2013, p. 321). Ainda de acordo com Papalia *et al.* (2013), estudos têm mostrado que garotas de 6 anos já se sentem insatisfeitas com o próprio corpo e desejam ser mais magras.

Esses dados sugerem que os padrões de beleza irreais são instigados nas meninas desde a infância, o que contribui para o enfraquecimento da autoestima feminina e conseqüente aumento da vulnerabilidade emocional desse grupo em situações de violência, como o *bullying*.

Santos *et al.* (2021) buscaram identificar tendências na ideação suicida por sexo e os fatores associados a esse desfecho. Embora, tenha havido um aumento da ideação suicida em ambos os sexos entre os anos de 2006 a 2016, o crescimento foi mais acentuado no grupo feminino, haja vista que enquanto os meninos apresentaram um aumento de 1,3 ponto percentual (de 7,1% para 8,4%), as meninas apresentaram um incremento de 3,7 pontos percentuais (de 14% para 17,7%).

Na pesquisa de Santos *et al.* (2021), o *bullying* foi um fator preditivo para ideação suicida apenas em meninas. Esse resultado é consistente com os achados de Tabares *et al.* (2024), segundo os autores, o efeito direto do *bullying* tradicional na tentativa de suicídio apareceu de modo baixíssimo apenas em meninas, o *cyberbullying* não revelou nenhuma relação. Porém, quando a depressão foi adicionada como uma variável, observou-se que 21,63% das tentativas de suicídio estavam atreladas também ao *bullying* tradicional, e 74,43% à *cybervitimização* entre mulheres.

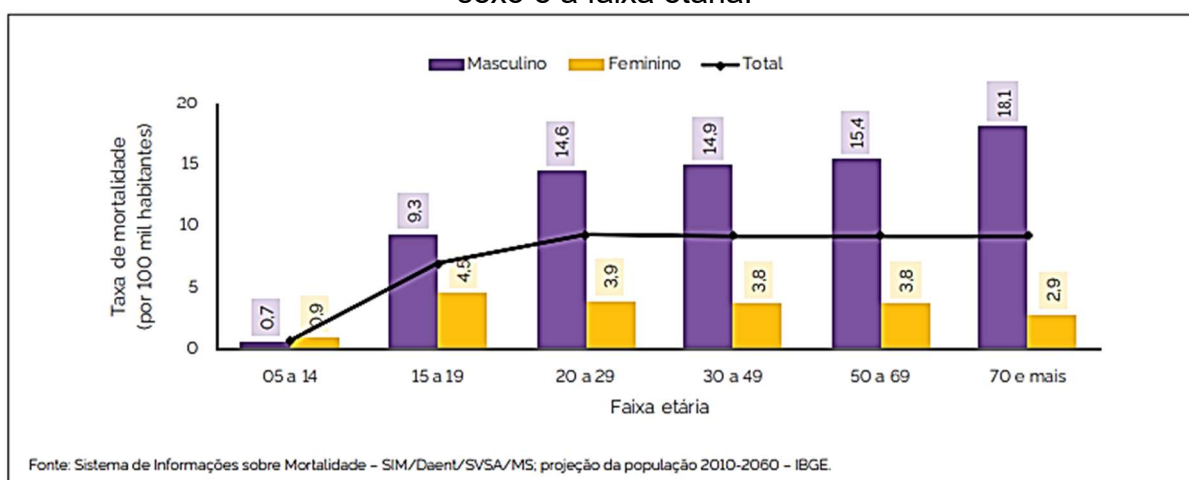
Além disso, o estudo de Sarfo *et al.* (2024) mostrou que as meninas sofrem mais *bullying* físico do que os meninos dentro da escola, sugerindo que as meninas

estão mais vulneráveis no contexto escolar. Outros fatores, como ter menos de 15 anos de idade, ter sofrido agressão física anterior e *cyberbullying* e ter ideias suicidas são fatores que aumentam a vulnerabilidade no ambiente escolar. Labuhn *et al.* (2022) constataram que o *bullying* físico ou *cyberbullying* são os principais fatores contribuintes para ideação suicida, enquanto a tentativa está principalmente relacionada a violência sexual, seguida das agressões físicas. Nesse estudo, 18% dos alunos relataram ter pensamentos suicidas, dentre esses, 65% (1309) eram do sexo feminino.

Resett e Caino (2020) realizou um estudo com 532 adolescentes na Argentina, destes, cerca de 69% apenas presenciaram situações de *bullying*, 19% relataram ter sido vítimas, 5% afirmaram ser agressores e 7% relataram ambas as situações. A vitimização se mostrou um preditor significativo de autolesões e ideação suicida, mesmo após o controle do nível de depressão dos adolescentes, explicando 7% e 5% da variância, respectivamente. No entanto, as meninas apresentaram *score* mais alto tanto para autolesões, como para ideações suicidas. Conforme esses autores, estudos indicam que as mulheres são mais suscetíveis a emoções negativas e depressão, o que pode explicar maior tendência de ideação suicida neste grupo, enquanto o sexo masculino apresenta maior índice de morte por suicídio devido a escolha por métodos mais letais.

No Brasil, esses dados se confirmam, o suicídio é a terceira causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos de idade, os meninos são mais acometidos, conforme Figura 1.

**Figura 1** - Distribuição das taxas de mortalidade por suicídio no Brasil, segundo o sexo e a faixa etária.



Fonte: Brasil (2024, p. 6).

No entanto, como se observa na Figura 1, o índice de letalidade por suicídio no país aumenta progressivamente de acordo com a idade no sexo masculino. Por outro lado, entre as mulheres esse índice tende a decair com o passar da idade, mas as meninas entre 15 e 19 anos são as mais afetadas, constituindo um grupo de risco importante no país (Brasil, 2024).

Kreski *et al.* (2021) avaliaram se havia consonância entre tendências de vitimização *online* e *offline* por *bullying* e as taxas de tendências recentes nos desfechos suicidas (ideação, plano, tentativa e autolesão) em adolescentes entre os anos de 2011 a 2019 nos EUA. Os autores observaram que as meninas são as mais afetadas na relação entre *bullying* e suicídio, no entanto, um ponto interessante encontrado por essa pesquisa é que, embora a frequência da vitimização tenha se mantido estável, o nível de desfechos suicidas aumentou significativamente entre as meninas, já entre os meninos a ideação e os planos suicidas não tiveram alteração. Assim, os autores chamam atenção para o fato de que o suicídio entre adolescentes deve ser melhor investigado.

Como colocado por Botega (2015, p. 179), “os fatores de risco têm valores preditivos distintos e relativos”, ou seja, o suicídio não é fenômeno isolado, ele depende de diferentes características, como tipo, sua duração da ideação suicida, etapa da vida em que ocorre e a intensidade desses fatores para o indivíduo. Logo, o autor defende que, embora em muitos países a taxa de letalidade feminina por suicídio seja menor em comparação com os homens, a elaboração de um plano suicida aumenta o risco de morte consideravelmente.

Desta forma, os resultados dessa categoria de análise sugerem que adolescentes do sexo feminino têm um risco aumentado para desfechos suicidas quando vitimizadas por *bullying*, haja vista que em todos os estudos encontrados, a vitimização apareceu como um preditivo para ideação suicida em meninas. Além disso, observou-se no Boletim Epidemiológico (Brasil, 2022) que no grupo de mulheres, a faixa-etária de 15 a 19 anos apresenta a maior taxa de mortalidade por suicídio no Brasil, idade que coincide com o período escolar, onde o *bullying* se manifesta massivamente.

### 4.3 *Bullying* e identidades estigmatizadas

Neste tópico aborda-se acerca do *bullying* baseado em identidade. Gálan *et al.* (2021), apresentam em sua pesquisa, que estuda como a prática do *bullying* atinge identidades marginalizadas e como essa prática está associada a resultados de saúde, saúde mental e violência entre adolescentes, o conceito de *identity-based bullying* (IBB)<sup>4</sup>.

Embora o conceito de *identity-based bullying* (IBB), trabalhado por Gálan *et al.* (2021), pareça adequado para nomear os tipos de *bullying* descritos nessa categoria, os autores empregam os termos marginalização e estigmatização equivocadamente como sinônimos. A marginalização está relacionada à pertença a um grupo social, já estigmatização, segundo Ronzani e Furtado (2010), está relacionada à rotulação negativa de características ou comportamentos. Apesar de os dois termos estarem imbricados, a marginalização é um conceito mais amplo, que pode, ou não, comportar a estigmatização.

Goffman (1975), explica que a sociedade estabelece “identidades sociais” categorizando as pessoas e determinando quais são os atributos que os indivíduos pertencentes a essas categorias devem ter. As identidades socialmente estabelecidas comportam, portanto, estigmas, na medida em que atribuem a determinados indivíduos um caráter baseado em expectativas externas, que divergem de sua identidade real.

Quando um indivíduo apresenta algum atributo que não se encaixa na lista de atributos da categoria à qual ele pertence, surge um estranhamento e a tendência de considerar esse indivíduo como inadequado. Esse atributo discrepante pode ser considerado um estigma, principalmente se for identificado como profundamente depreciativo. Entretanto, Goffman (1975), esclarece que o que estigmatiza não é o atributo em si, mas a relação estabelecida entre esse atributo e as características desejáveis em cada categoria, ambas, categorias e características, preestabelecidas pela sociedade. Em outras palavras, os estigmas são gerados por preconceções. Portanto, aqui, entenderemos “estigma” como uma característica avaliada negativamente com base nos preconceitos vigentes em nossa sociedade.

---

<sup>4</sup> *Bullying* baseado em identidade.

A relevância da pesquisa sobre o *bullying* baseado em identidade se dá porque, segundo Earnshaw (2018), os jovens podem sofrer *bullying* mesmo que não carreguem identidades ou atributos desvalorizados socialmente, entretanto aqueles que têm essas características estigmatizadas sofrem *bullying* com muito maior frequência.

A pesquisa apresentada por Gálan *et al.* (2021), foi realizada em 2018, em Pittsburgh, Pensilvânia e investigou a ocorrência de assédio ou *bullying* sofrido por jovens em propriedade escolar ligados a sete categorias: raça/etnia/nacionalidade, religião, gênero, orientação sexual, deficiência física ou mental, status migratório e/ou outro motivo. “No geral, 1505 participantes (38,2%) relataram experiências de IBB, 972 (27,0%) relataram perpetração de IBB e 890 (24,7%) relataram experiências de IBB e perpetração de IBB.” (Gálan *et al.*, 2021, p. 12), sendo que as maiores taxas de ocorrência foram relatadas por jovens hispânicos e negros de gênero diverso. A categoria de IBB com relação à múltiplas identidades estigmatizadas foi associada a automutilação não suicida e a ideação suicida. Foi constatado, também, que as vítimas-agressoras, indivíduos que sofrem e perpetram *bullying*, apresentam os maiores níveis de depressão, ansiedade e suicídio.

Ao todo, cinco artigos listados nesta pesquisa abordaram a prática do IBB, com base na análise de dados coletados na *Youth Risk Behavior Survey* (YRBS)<sup>5</sup>. Richardson e Gunn (2024), analisaram os dados da YRBS nacional realizada em 2019, para melhor compreender quais são os fatores que estão associados a comportamento de risco suicida entre adolescentes negros do ensino médio. O estudo concluiu que diversos fatores inter-relacionados como *bullying* e *cyberbullying*, pertencer à uma minoria sexual ou portar uma arma estão relacionados ao comportamento suicida.

A associação entre a percepção de peso corporal e ideação suicida, também foi uma realidade ligada ao IBB observada por Richardson e Gunn (2024). O estudo demonstrou que jovens negros do ensino médio, que tem uma percepção de peso corporal muito acima da média, apresentam maior tendência à ideação e ao planejamento suicida.

Outros autores que relatam a associação entre percepção de peso corporal, *bullying* e suicídio são Singh *et al.* (2020). Seu estudo foi realizado com base na

---

<sup>5</sup> Pesquisas de Comportamentos de Risco Juvenil.

análise dos dados da YRBS nacional do ano de 2015. Singh *et al.* (2020), analisaram a associação entre percepção de peso corporal, *bullying* sofrido na escola e *cyberbullying* e comportamentos suicidas como pensamento de suicídio, plano de suicídio, tentativa de suicídio e tentativa de suicídio prejudicial.

O estudo concluiu que os jovens que tinham uma percepção do peso corporal muito alto estavam mais predispostos a sofrer *bullying* e *cyberbullying* e a ter pensamentos e comportamentos suicidas. Segundo Singh *et al.* (2020), embora o sobrepeso na adolescência aumente a chance de se sofrer *bullying*, a percepção do indivíduo sobre sua inadequação em relação ao peso corporal está mais intensamente associada a pensamentos e comportamentos suicidas do que o peso real.

A relação entre *bullying* e suicídio, levando em consideração as questões de raça/etnia, sexo e identidade sexual, é a proposta de investigação apresentada por Kreski (2022), que analisou os dados das YRBS nacionais no período de 2015 a 2019, confirmando a relação existente entre comportamento suicida e vitimização por *bullying*. O autor concluiu que mais de um terço de todos os estudantes de minorias sexuais, participantes da pesquisa, sofreram *bullying*, seja *online*, seja *offline* e que quase um terço dos adolescentes indígenas americanos, nativos do Alasca e multirraciais, não hispânicos, também sofreram *bullying* no período estudado.

A intersecção entre *bullying* escolar e *cyberbullying*, raça e identidade sexual também foi o foco do trabalho de English *et al.* (2024), que analisaram os dados da YRBS realizada entre 2009 e 2019 na cidade de Nova York. O estudo longitudinal constatou um aumento linear na ideação suicida entre os jovens heterossexuais, independente de raça/etnia, entretanto esse aumento foi 4-5 vezes maior para jovens heterossexuais negros e asiáticos. Para os estudantes LGB, independente de raça/etnia, a ideação e a tentativa de suicídio, segundo English *et al.* (2024), se mostraram de duas à cinco vezes mais prováveis do que para os estudantes heterossexuais, porém as taxas de *bullying* e, paralelamente, de ideação e a tentativa de suicídio aumentaram de forma acelerada para os participantes LGB negros, enquanto que os participantes LGB brancos apresentaram uma diminuição de ideação e de tentativa de suicídio ao longo do tempo, paralelamente a uma redução significativa dos relatos de *bullying*.

Bishop, Ioverno e Russell (2023), analisaram os dados da YRBS realizada no Texas, em 2017, o foco de sua pesquisa foi estudar os efeitos da vitimização e da

*cyber*-vitimização, incluindo o *bullying*, nos comportamentos de jovens pertencentes a minorias sexuais e a influência do uso de substâncias e do apoio de adultos não parentais. A ideação e o comportamento suicida foram identificados por Bishop, Ioverno e Russell (2023), similarmente ao que constatou English *et al.* (2024), como acima de duas vezes mais recorrentes entre os jovens das minorias sexuais do que entre os jovens heterossexuais. Bishop, Ioverno e Russell (2023), constataram que a vitimização influencia negativamente a saúde mental e está relacionada ao uso de substâncias pelos estudantes e que a *cyber* vitimização, bem como a falta de apoio de adultos não parentais desencadeia sentimentos de tristeza e pensamentos suicidas. Segundo o estudo, o apoio de adultos não parentais demonstrou ser um fator protetivo para a saúde mental dos jovens e de diminuição do consumo de múltiplas substâncias, entretanto os jovens pertencentes a minorias sexuais relataram receber menos desse apoio do que os jovens heterossexuais.

Os autores apresentados aqui, como pesquisadores da relação entre IBB e pensamentos e comportamentos suicidas, afirmaram a escassez de estudos sobre o tema e a necessidade de se investir nas investigações sobre essa relação, levando em consideração os níveis alarmantes de ideação e de tentativas de suicídio registrados entre os jovens com identidades estigmatizadas. Importante anotar que todos os textos mencionados nesta categoria apresentam pesquisas realizadas exclusivamente com a população estadunidense e que, embora de grande importância para informação e conscientização sobre o tema, seus dados foram coletados antes da Pandemia de COVID-19, não retratando, portanto, números atuais. Como afirmam English *et al.* (2024), há indicações de que o número de suicídios pode estar aumentando, em particular entre a população negra e demais populações portadoras de identidades estigmatizadas, sendo necessário que novos estudos sobre o tema se dediquem a examinar os dados gerados pós pandemia.

#### **4.4 A relação entre *bullying*, saúde mental e suicídio**

Há evidências consistentes, segundo Moore *et al.* (2017), de que a exposição ao *bullying* influencia negativamente a saúde mental de jovens e crianças, podendo levar ao desenvolvimento ou agravamento da ansiedade e da depressão, à saúde

mental precária, à automutilação, à ideação suicida e à tentativa de suicídio, além de afetar a saúde geral.

Embora existam outros fatores relacionados à incidência do comportamento suicida, a depressão, de acordo com Tabares *et al.* (2024), foi o transtorno psicológico mais relatado na YRBS<sup>6</sup> nacional de 2019 em todas as categorias pesquisadas. Segundo os autores, adolescentes do sexo feminino têm maior risco de desenvolver depressão ao sofrer *bullying*. Isso acontece porque o *bullying* contra meninas geralmente envolve exclusão social, críticas ou ataques a sua autoestima, o que afeta a forma como elas se percebem e aumenta a probabilidade de quadros depressivos.

Sutter *et al.* (2023), em sua análise dos dados das YRBS nacionais de 2017 e 2019, confirmam que as vítimas de *bullying* tendem a desenvolver sintomas depressivos. Os pesquisadores constataram que mais de um terço dos entrevistados que alegaram ter sido vítimas de *bullying* ou de *cyberbullying* haviam desenvolvido sentimentos de tristeza e desesperança, que se mantiveram quase diariamente por duas semanas ou mais, além de apresentarem diminuição na frequência de sono.

A relação entre vitimização, qualidade do sono e depressão foi estudada por Yu e Zhu (2023), que analisaram os dados do YRBS nacional de 2019 e o *bullying* na escola e o *cyberbullying* aparecem entre as formas de vitimização, que se mostraram capazes de afetar a qualidade do sono, gerando insônia e/ou pesadelos.

Segundo Yu e Zhu (2023), os distúrbios do sono podem afetar a capacidade de regulação das emoções, interferindo no humor e levando, ao longo do tempo, ao desenvolvimento da depressão. Os autores indicam uma maior duração do sono como importante fator protetivo a ser considerado nas estratégias de prevenção ao suicídio, tendo em vista que suicídio pode ser adotado como solução para escapar de sofrimentos psicológicos intensos e constantes, como os gerados por quadros depressivos não devidamente tratados. Adicionalmente, o estudo identificou o sedentarismo e a percepção do peso corporal como fatores que influenciam a saúde mental, aumentando a vulnerabilidade à vitimização por *bullying* e elevando o risco de suicídio entre adolescentes.

Zapata-López, Tonguino-Rosero e Méndez (2024) analisaram os dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar produzida na Colômbia, em 2017, realizada com 78.772 adolescentes de 13 a 17 anos, para investigar a relação entre sedentarismo e

---

<sup>6</sup> *Youth Risk Behavior Survey* (Pesquisa de Comportamentos de Risco Juvenil)

*bullying*. Foi definido como comportamento sedentário permanecer sentado por mais de 3 horas/dia no tempo livre e como ocorrência de *bullying* o autorrelato de ter sido vítima de *bullying* mais de 1 vez/mês. Os autores associam o sedentarismo à piora na saúde mental e concluíram que os adolescentes sedentários apresentam maior probabilidade de sofrer *bullying*.

A percepção de peso corporal, sua relação com *bullying* e com o suicídio foi estudada por Singh *et al.* (2020), que comprovaram que o sobrepeso é um fator que leva à baixa autoestima e à depressão e que favorece a ocorrência da vitimização e do suicídio. Embora o sobrepeso aumente as chances de vitimização por *bullying*, na adolescência, Singh *et al.* (2020), ao analisarem os dados da YRBS nacional de 2015, concluíram que a percepção de peso corporal muito acima ou muito abaixo do peso ideal é mais significativa no aumento da taxa de vitimização por *bullying* do que o peso real e sugerem que propiciar a discussão sobre a imagem corporal entre os adolescentes pode ser um fator de proteção contra o suicídio.

O uso frequente de mídias sociais também foi relacionado a sentimentos persistentes de tristeza ou desesperança, maior incidência de *bullying* e risco de suicídio, de acordo com Young *et al.* (2024). Os autores analisaram os dados da YRBS nacional de 2023 e constataram que 77% dos estudantes americanos do ensino médio usam a mídia social várias vezes ao dia. O uso frequente das mídias sociais foi positivamente relacionado à probabilidade de vitimização por *bullying*, tanto eletrônico quanto na escola. Os alunos que usavam as mídias sociais por mais tempo também declararam, de forma mais recorrente, sentirem tristeza ou desesperança e terem considerado seriamente o suicídio, do que os estudantes que faziam uso menos frequente das mídias.

Young *et al.* (2024), alertam para a necessidade de discussão e conscientização sobre os benefícios e riscos do uso das mídias sociais para a saúde mental dos adolescentes, desenvolvendo-se ambientes digitais seguros e práticas digitais saudáveis.

Um instrumento importante de avaliação no campo da saúde, segundo Blair (2018), desenvolvido nos Estados Unidos é a pesquisa *Adverse Childhood Experiences (ACE)*<sup>7</sup>, que teve início em 1998. A pesquisa comprovou que experiências adversas vividas na infância e na adolescência influenciam a saúde

---

<sup>7</sup> Experiências Adversas na Infância

mental na vida adulta. A ACE inicial contou com a participação de mais de 17.000 adultos da Califórnia, que passaram por exames físicos e responderam questionários sobre experiências da infância, saúde e comportamentos na vida adulta<sup>8</sup>.

Foram considerados ACEs, experiências envolvendo estresse moderado ou grave vividas pelo indivíduo nos primeiros 18 anos de vida. Mosley-Johnson *et al.* (2021) elencam como exemplos dessas experiências adversas abusos, negligência e ambiente desfavorável, gerador de traumas e defendem haver inúmeras evidências que relacionam o histórico de ACEs à maior incidência de doenças crônicas, depressão e problemas de saúde mental na vida adulta.

Casas-Muñoz *et al.* (2024), que estudaram a relação entre ACEs e saúde mental como fatores preditivos de suicídio em adolescentes mexicanos, incluíram a vitimização por *bullying* como uma das experiências adversas que podem ser consideradas prejudiciais para a saúde mental de crianças e de jovens e como fator de risco para o suicídio.

A relação entre *bullying*, suicídio e desenvolvimento cognitivo foi estudada por Wen *et al.* (2023), que analisaram os dados da coorte da *Adolescent Brain and Cognitive Development SM Study* (ABCD Study®)<sup>9</sup> coletados entre julho de 2018 e janeiro de 2021. Os autores trabalharam com a classificação do *bullying* em três subtipos: direto, relacional e reputacional. O estudo constatou maior risco de suicídio tanto entre vítimas, quanto entre perpetradores em relação aos três subtipos de *bullying*, verificou a associação positiva entre memória de trabalho ruim e vitimização, especialmente para vitimização de reputação e entre memória episódica ruim e vitimização geral, provavelmente devido à ruminação<sup>10</sup> e concluíram que o *bullying* tem um efeito generalizado sobre as funções cognitivas e sobre a estrutura e a função cerebral dos pré-adolescentes.

Pela análise dos artigos apresentados é possível constatar que o *bullying*, independentemente do tipo, acarreta consequências danosas para a saúde mental e física, atuando, inclusive, sobre as estruturas cerebrais e alterando funções cognitivas e, em alguns casos, induzindo ao suicídio.

---

<sup>8</sup> CDC Foundation. About the CDC-Kaiser ACE Study.

<sup>9</sup> Estudo de Desenvolvimento Cognitivo do Cérebro Adolescente (ABCD Study®).

<sup>10</sup> A ruminação, ou pensamento ruminativo, tem sido caracterizada como uma cadeia de pensamentos repetitivos, de caráter negativo, que se perpetua por longo tempo (Nolen-Hoeksema, 1991; 2004).

Outra constatação a qual é possível se chegar, é a de que a vitimização por *bullying*, enquanto experiência adversa vivida na infância ou na adolescência, pode ter repercussões tardias, seus efeitos podem vir a aparecer a médio ou longo prazo, influenciando o desenvolvimento de doenças físicas e mentais na vida adulta. Desta forma, os estudos que relacionam o suicídio ao *bullying* podem apresentar resultados subestimados, caso não incluam dados de pesquisas longitudinais.

#### **4.5 Fatores de risco e proteção em desfechos suicidas entre adolescentes**

Fatores de risco para o suicídio são definidos como características ou condições que aumentam a probabilidade de desfechos suicidas e estão frequentemente associados a eventos negativos da vida, como violência, abuso, transtornos mentais, isolamento social e uso de substâncias (Pereira *et al.*, 2014).

Como mostraram Vergara *et al.* (2019), tanto vítimas quanto agressores apresentam tendência a comportamentos autolesivos, enquanto os perpetradores de *bullying* demonstram maior número de tentativas de suicídio. A hipótese é que perpetradores estão mais expostos a situações de violência repetidamente, levando-os a desenvolver maior tolerância à dor e ao medo da morte, eles também podem ser mais impulsivos e ter níveis mais baixos de empatia e sensibilidade, esses aspectos, quando em conjunto, aumentam o risco de tentativa de suicídio nos momentos de frustração e de vulnerabilidade psicológica. Labuhn *et al.* (2022) também encontraram dados similares, segundo os autores, adolescentes que se envolvem em brigas físicas tendem a apresentar risco de tentativa de suicídio, até quatro vezes maior do que os demais adolescentes.

Nesse contexto, a vitimização, seja na forma de *bullying* tradicional (Resett; Caino, 2020; Casas-Muñoz *et al.*, 2024) ou de *cyberbullying* (Kim *et al.*, 2020; Aguayo *et al.*, 2022), aparece como um dos principais preditivos de sofrimento psíquico, autolesões e risco suicida, principalmente entre indivíduos do sexo feminino (Resett; Caino, 2020; Santos *et al.*, 2021; Tabares *et al.*, 2024) e em identidades estigmatizadas, como transgêneros e pessoas negras (Singh *et al.* 2020; Gálan *et al.*, 2021; Kreski, 2022; Bishop, Ioverno e Russell, 2023, Richardson e Gunn, 2024). As minorias sexuais constituem um dos principais grupos de risco para desfechos suicidas e a falta de apoio da família e de adultos não parentais contribui para agravar os riscos à saúde mental (Bishop, Ioverno; Russell, 2023).

Por outro lado, fatores de proteção ao suicídio são aqueles que aumentam a qualidade de vida do sujeito e reduzem o risco de suicídio. Os fatores protetivos podem estar relacionados a aspectos individuais como personalidade, flexibilidade cognitiva, abertura para buscar ajuda, ao contexto familiar, como a relação no núcleo familiar, incluindo apoio parental e confiança nos pais, a fatores socioculturais, tais como rede social, que propicia apoio prático e emocional e outros dos mais variados, como qualidade do sono (Botega, 2015).

Os estudos analisados evidenciam uma complexa interação entre fatores de risco e proteção no contexto da ideação e comportamento suicida entre adolescentes. Fatores como suporte social, vínculo parental e qualidade do sono atuam como importantes elementos de proteção contra a ideação suicida em adolescentes expostos ao *bullying*, reduzindo significativamente os efeitos negativos dessa violência sobre a saúde mental. Vínculo escolar, supervisão parental, apoio social e presença de adultos de referência demonstram efeito protetivo significativo (De Luca *et al.*, 2021; Tabares *et al.*, 2024). Fatores como sono adequado (Yu e Zhu, 2023) e resiliência, vínculo familiar sólido e engajamento escolar (Nurius *et al.*, 2020) também se mostram relevantes na mitigação dos impactos negativos da vitimização, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Com base nos estudos de Santos *et al.* (2021), Yu e Zhu (2023) e Nurius *et al.* (2020) é possível afirmar que a qualidade e a duração do sono desempenham um papel central na relação entre vitimização e risco de suicídio na adolescência, tanto como fatores de risco quanto como elemento de intervenção preventiva. No estudo de Santos *et al.* (2021), realizado com adolescentes brasileiros, a baixa qualidade do sono foi um dos fatores mais fortemente associados à ideação suicida, independentemente do sexo. Os autores destacam que a privação do sono traz prejuízos à saúde mental de adolescentes devido à desregulação serotoninérgica e à redução da secreção de serotonina, responsáveis pela regulação emocional, abrangendo aspectos como o humor, a ansiedade e a impulsividade. O ideal para o adequado funcionamento orgânico é de 9 horas de sono por noite na faixa etária estudada.

Já o estudo de Yu e Zhu (2023), com base em dados representativos de adolescentes dos Estados Unidos, investigou especificamente o papel mediador da duração do sono na associação entre diferentes formas de vitimização (como *bullying*

presencial, eletrônico, violência sexual e de namoro) e comportamentos suicidas (ideação, plano e tentativa). Os resultados mostraram que a curta duração do sono tanto media como agrava os efeitos da vitimização, especialmente quando combinada com sintomas depressivos. Em termos simples, os diferentes tipos de vitimização podem perturbar o ciclo circadiano impactando negativamente na qualidade e duração do sono aumentando o risco de depressão e/ou desfechos suicidas (Yu; Zhu, 2023). Por outro lado, uma boa qualidade do sono constitui um fator protetivo contra a depressão e o suicídio (Nurius *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2021; Yu; Zhu, 2023). Assim, pode-se presumir que a atenção ao sono de adolescentes é um aspecto fundamental em programas de prevenção do suicídio. Labuhn *et al.* (2022) acrescentam que adolescentes que praticam esportes também estão menos propensos a ideias suicidas.

Já os estudos de De Luca *et al.* (2021) e Santos *et al.* (2021) demonstraram que a conexão parental exerce um efeito protetivo importante contra suicídio de adolescentes. De Luca *et al.* (2021) concluíram que uma forte conexão familiar é mais efetiva do que o vínculo escolar entre adolescentes de minorias sexuais, que são particularmente mais vulneráveis ao *bullying* e ao risco suicida. Ou seja, ter uma boa relação familiar e apoio é determinante para amortecer os efeitos nocivos das experiências escolares negativas e evitar desfechos como o suicídio.

As descobertas de Santos *et al.* (2021) reforçam esses achados, eles identificaram que o suporte social e a supervisão parental estão associados à redução da ideação suicida em ambos os sexos. Por exemplo, faltar às aulas sem o consentimento dos pais/responsáveis e relações sociais frágeis com familiares, amigos ou parceiros aumentam o risco de suicídio, enquanto práticas religiosas são fatores protetivos, sugerindo regulação e aproximação familiar.

A prática religiosa também pode atuar como um fator protetivo, pois a maioria das religiões condena o suicídio e, ao mesmo tempo, dispõe de uma série de estratégias de enfrentamento como orações, rituais e fortalecimento de redes sociais, que contribuem para que os jovens lidem melhor com as adversidades (Santos *et al.*, 2021). Botega (2015) aborda o fator protetivo da religião e mostra que pertencer a uma crença religiosa normalmente está associado a adoção de comportamentos físicos e mentais benéficos, reduzindo os desfechos suicidas. No entanto, Botega (2015) ressalta que o estigma relacionado ao suicídio fomentado por crenças culturais

e religiosas pode interferir na busca por ajuda profissional em situações de pensamentos suicidas. Logo, entende-se que é fundamental olhar para essa questão com maior atenção, a fim de aproveitar seus efeitos positivos e atenuar os efeitos negativos.

O senso de conexão com a escola, ou seja, sentir-se aceito, respeitado e apoiado no ambiente escolar é apontado como um fator protetivo contra o suicídio, mesmo nas situações de *cyberbullying* (Kim *et al.*, 2020). Além disso, a presença de um adulto de referência na escola, com quem o adolescente possa conversar quando enfrenta problemas, também está associada à redução dos riscos de suicídio. De acordo com Aguayo *et al.* (2022), adolescentes que relataram ter um mentor na escola apresentaram menor chance de ideação suicida, planejamento e tentativas de suicídios. Tabares *et al.* (2024) também enfatizam a importância do apoio familiar e social como fundamental na prevenção de risco suicida em adolescentes, os autores enfatizam que reduzir a discussão ao tópico “*bullying/cyberbullying* e risco de suicídio” é insuficiente, ressaltando a necessidade de se avaliar outros fatores de risco e proteção.

Portanto, os estudos analisados reforçam que o risco de suicídio entre adolescentes é resultado de uma complexa interação entre múltiplos fatores de risco, como vitimização, baixa qualidade do sono, ausência de apoio familiar e social, e pertencimento a grupos minoritários. Por outro lado, observaram-se importantes fatores de proteção, como vínculos afetivos sólidos com a família e com a escola, suporte social, práticas religiosas e sono adequado.

Um fator importante, não apontado nos artigos pesquisados, é o da necessidade premente de apoio psicossocial no ambiente escolar. No Brasil, embora a Lei nº 13.935/2019<sup>11</sup>, ampliada pela Lei nº 14.819/2024<sup>12</sup>, reconheça a necessidade de integrar ao contexto escolar os profissionais da psicologia e institua a garantia de acesso à atenção psicossocial na comunidade escolar, esse direito ainda não se materializou. Como mostra Feijoo (2021), apesar de haver uma percepção geral de aumento de situações ligadas ao suicídio nas escolas, o despreparo dos membros da comunidade escolar gera insegurança que impõe silêncio sobre o assunto, o que dificulta a discussão e a difusão de ações de prevenção do comportamento suicida.

---

<sup>11</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Lei/L13935.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13935.htm)

<sup>12</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2024/Lei/L14819.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14819.htm)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito investigar o fenômeno do *bullying* e sua relação com o suicídio entre adolescentes. Para tanto, adotou-se uma pesquisa exploratória bibliográfica, com análise de dados qualitativa. Assim, a coleta de dados foi feita a partir de buscas nas bases científicas LILACS/BIREME, BVS, MEDLINE/PUBMED, foram selecionados estudos primários que abordaram a temática entre *bullying* e suicídio na adolescência nas Américas.

Buscou-se, por meio deste trabalho, aprofundar a compreensão sobre a dinâmica do *bullying* entre adolescentes e sua preocupante relação com o aumento do suicídio nessa faixa etária, a fim de ampliar a discussão sobre os efeitos nocivos do *bullying*, tanto para as vítimas quanto para os agressores. Além disso, o estudo visou contribuir para a conscientização sobre os efeitos danosos dessa prática e para seu enfrentamento, como estratégia de prevenção ao suicídio na adolescência.

Assim, para elucidação do tema, foram delineadas cinco categorias. Na primeira categoria, “*Bullying* e Suicídio”, evidencia-se a forte associação entre a violência entre pares e o agravamento da saúde mental dos adolescentes. O *bullying*, seja presencial ou virtual, exerce um papel de risco direto para automutilação, depressão e pensamentos suicidas, sendo ainda mais crítico entre meninas e entre aqueles que acumulam os papéis de vítima e agressor. Estudos longitudinais e pesquisas recentes apontam que o estresse psicológico, a “polivitimização” e fatores ambientais aumentam a vulnerabilidade dos jovens, reforçando a necessidade de políticas públicas voltadas à prevenção, apoio psicossocial e promoção de práticas que fortaleçam a autoestima e reduzam a exposição a situações de violência.

Entre as meninas, como demonstrado na categoria “*Bullying* e suicídio na adolescência: um recorte por gênero”, há um risco aumentado para ideações e tentativas de suicídio. O gênero feminino apresenta maior vulnerabilidade em relação aos ataques à aparência física e à exclusão do grupo. Estudos sugerem que a socialização feminina é fundamentada em um ideal de beleza no qual a aparência é o que define o *ser mulher*. Com isso, cada vez mais cedo, as meninas, já na primeira infância, têm manifestado insatisfação quanto a seus corpos, o que, por consequência, contribui para a baixa autoestima e necessidade de validação externa. Nesse sentido, quando são hostilizadas por não corresponderem às pressões e expectativas impostas, tendem a vivenciar sentimentos de inadequação e rejeição mais

intensamente, o que reforça seu sentimento de inadequação, podendo gerar sintomas depressivos e levar à automutilação e, em casos mais graves, à ideações e tentativas de suicídio.

Na terceira categoria, “*Bullying* e identidades estigmatizadas”, evidenciou-se que o *bullying* baseado em identidade (IBB) representa um fator de risco significativo para a saúde mental de adolescentes, especialmente em relação à ideação e comportamento suicida. Os estudos revisados demonstram que jovens pertencentes a minorias sexuais, raciais ou étnicas e aqueles com múltiplas identidades estigmatizadas apresentam maiores níveis de depressão, ansiedade e automutilação, sendo ainda mais vulneráveis quando acumulam os papéis de vítimas e agressores. Além disso, fatores como percepção corporal, *cyber* vitimização e falta de apoio de adultos não parentais potencializam esses riscos. Embora as pesquisas tenham sido realizadas nos Estados Unidos e antes da pandemia de COVID-19, os achados são significativos e reforçam a necessidade urgente de aprofundamento do tema, atualização dos dados e implementação de políticas de prevenção e apoio psicossocial direcionadas às identidades mais vulneráveis.

Também foram discutidos aspectos relacionados à saúde mental, na quarta categoria “A relação entre *bullying*, saúde mental e suicídio”. Observou-se que a vitimização por *bullying* exerce um impacto profundo e multifacetado sobre o bem-estar psicológico e físico dos adolescentes. Fatores como sexo, percepção de peso corporal, sedentarismo, uso excessivo de mídias sociais e experiências adversas na infância potencializam esses riscos, mostrando que a vulnerabilidade dos jovens é influenciada por múltiplas dimensões individuais, sociais e ambientais. Por exemplo, adolescentes que sofrem *bullying* podem ter insônia e/ou pesadelos, isso pode afetar a regulação emocional do indivíduo e, ao longo do tempo, levar à depressão, que funciona como mediadora, aumentando o risco de ideação e tentativa de suicídio entre adolescentes envolvidos em *bullying*. Esses achados reforçam a importância de estratégias de prevenção que incluam acompanhamento psicológico, promoção da saúde mental, redução da vitimização e criação de ambientes escolares e sociais mais seguros para os adolescentes.

Por fim, na quinta e última categoria, ‘Fatores de risco e proteção em desfechos suicidas entre adolescentes’, buscou-se identificar os elementos que aumentam ou reduzem a probabilidade de ideação e tentativa de suicídio em contextos de *bullying*.

Primeiramente, é preciso salientar que o suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial, este estudo mostrou que um importante fator de risco para desfechos suicidas entre adolescentes é a vitimização por *bullying* e que aqueles nos papéis de vítimas-agressores são mais afetados. Pertencer a grupos estigmatizados e ser do sexo feminino também se mostrou fator de risco para a vitimização por *bullying* e tendências suicidas.

Além disso, a ausência de apoio familiar e social, incluindo a falta de adultos de referência na escola, com quem os adolescentes possam conversar sobre suas dificuldades, constitui outro agravante para ideação e comportamento suicida. No ambiente escolar, estudantes que apresentam baixa conexão com colegas e professores, assim como aqueles que costumam faltar às aulas sem autorização, demonstram maior vulnerabilidade ao sofrimento psicológico. Essa fragilidade nos vínculos sociais tem sido associada ao aumento do risco de desfechos suicidas, especialmente em contextos de vitimização, como *bullying* e *cyberbullying*.

Fatores como sedentarismo e percepção negativa do peso corporal aumentam a vulnerabilidade de adolescentes à vitimização e ao risco de suicídio. Experiências adversas na infância, como abuso ou negligência, também contribuem para o sofrimento psicológico, assim como o estigma e barreiras culturais ou religiosas, que dificultam a busca por ajuda profissional.

Por outro lado, fatores protetivos como vínculos afetivos sólidos com a família, apoio social, presença de adultos de referência, conexão com a escola, sono de qualidade, evitar o sedentarismo e o excesso de exposição a telas e o engajamento escolar, atuam como elementos importantes na redução do risco de suicídio entre adolescentes, promovendo resiliência e bem-estar emocional. Com isso, acreditamos que estratégias de prevenção ao suicídio entre adolescentes dependem da articulação entre sociedade de um modo geral, incluindo a participação da família e da escola, não só no combate ao *bullying*, como, também, na promoção de saúde e qualidade de vida, incluindo atividade física, higiene do sono, redução do tempo de telas, apoio psicológico às vítimas e/ou perpetradores e programas que estimulem os vínculos na comunidade escolar, com o fortalecimento do respeito e da empatia entre pares.

Embora o estudo tenha dado alguns *insights* sobre a problemática envolvendo *bullying* e suicídio em adolescentes, não houve a pretensão de esgotar o tema, especialmente por se tratar de uma questão de elevada complexidade. Além disso,

uma limitação importante deste trabalho é o fato de se tratar de uma revisão de literatura, o que restringe a análise a estudos previamente publicados. Também, durante seu desenvolvimento, notou-se a escassez de pesquisas no Brasil, o que dificultou ainda mais conhecer como se dá o fenômeno no país. Dessa forma, sugere-se que sejam realizados mais estudos que discutam a relação entre *bullying* e suicídio em adolescentes brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

AGUAYO, L. *et al.* Someone to Talk to: The Association of Mentorship and Cyberbullying with Suicidality among US High School Students. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.**, v. 57, n. 1, p. 149-159, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34351438/> Acesso: 15 abr. 2024.

AGUIAR, R. A. *et al.* Tentativa de suicídio: prevalência e fatores associados entre usuários da Atenção Primária à Saúde. **J Bras Psiquiatr.**, v. 71, n. 2, p. 133-140, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/TYMcyqMJzyLp4hP96pr6cLw/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

ARAUJO, G. R. *et al.* Perpetração de bullying e depressão em crianças e adolescentes: uma revisão de escopo. **Ciências Psicológicas**, julho-dezembro 2023. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/cp/v17n2/1688-4221-cp-17-02-e2952.pdf> Acesso em: 01 abr. 2024

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/TKNR4MjrdTf5Mb3kzNFhxZg/?format=pdf> Acesso em: 30 abr. 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: 2016.

BARROSO, R. G; MANITA, C. **Violência escolar: características sociais e psicológicas dos agressores**. II Seminário Internacional “Contributos da psicologia em contextos educativos. Braga. Universidade do Minho, 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/63227/2/87165.pdf> Acesso em: 06 set. 2024

BAUMAN, Z. **O Mal-estar na Pós-Modernidade**. Jorge Zahar Editor, 1998.

BISHOP, M. D.; IOVERNO, S.; RUSSELL, S. T. Sexual minority youth's mental health and substance use: The roles of victimization, cybervictimization, and non-parental adult support. **Curr Psychol**, v. 42, n. 6, p. 5075-5087, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38344657/> Acesso em: 02 jun. 2024.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida: Avaliação e Manejo**. Porto Alegre, 2015.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1990]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 07 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de **Ações Programáticas e Estratégicas**. **Proteger e cuidar da saúde de**

**adolescentes na atenção básica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018. 233 p. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger\\_cuidar\\_adolescentes\\_atencao\\_basica\\_2ed.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica_2ed.pdf) Acesso em: 06 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Suicídio em adolescentes no Brasil, 2016 a 2021. **Boletim Epidemiológico**, v. 53, n. 37, p. 16-29, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2022/boletim-epidemiologico-vol-53-no37/view>. Acesso em: 8 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. **Boletim Epidemiológico**, v. 55, n. 4, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf> Acesso em: 10 mai. 2025.

BRINO, R. F. e LIMA, M. H. C. G. Compreendendo estudantes vítimas de *bullying*: Para quem eles revelam? **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 40, 1º sem. de 2015, pp. 27-39. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279162565\\_Bullying\\_escolar\\_e\\_sua\\_percepcao\\_pelos\\_alunos\\_um\\_estudo\\_do\\_Saresp](https://www.researchgate.net/publication/279162565_Bullying_escolar_e_sua_percepcao_pelos_alunos_um_estudo_do_Saresp). Acesso em: 15 abr. 2024.

CASAS-MUÑOZ, A. *et al.* ACEs and mental health problems as suicidality predictors in Mexican adolescents. **Child Abuse & Neglect**, v. 150, p. 106440, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37684115/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CAVALCANTI, J. G. *et al.* Vitimização e Percepção do Bullying: Relação com a Sintomatologia Depressiva de Adolescentes. **Rev. Psicol. IMED**, v.10, n.1, p. 140-159, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2175-50272018000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-50272018000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 2 abr. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013. 152p.

COSTA, K. M. R.; MIRANDA, C. E. S. Associação entre bullying escolar e suicídio: uma revisão integrativa da literatura. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.12, n.31, p. 289-304, 2020. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/2055>. Acesso em: 16 abr. 2024.

COSTA, V. A. de S. F.; MELO, M. de F. V. de. A carência de fronteiras na adolescência da atualidade: o adolescente em pane? **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 13-22, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692017000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000300002). Acesso em: 13 abr. 2024.

CUBAS, V. **Bullying**: assédio moral na escola. In: *Violência na escola: um guia para pais e professores* / Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. – São Paulo : Andhep : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p.175-206.

DE LUCA, S. M. *et al.* A longitudinal study examining the associations of bullying victimization and suicidal ideation among sexual minority adolescents. **Suicide Life Threat Behav.**, v. 51, n. 6, p. 1138-1147, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34374470/> Acesso: 31 mai. 2024.

EARNSHAW, V. A. *et al.* Stigma-based bullying interventions: a systematic review. **Dev Rev.**, v. 48, p. 178-200, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30220766/> Acesso em: 22 abr. 2024.

EDWARDS, M. K. *et al.* Experiences and Correlates of Violence Among American Indian and Alaska Native Youth: A Brief Report. **J Interpers Violence**. Dec;36(23-24):11808-1182, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8236491/> Acesso em: 22 abr. 2025.

ENGLISH, D. *et al.* Trends in Suicidality and Bullying among New York City Adolescents across Race and Sexual Identity: **Journal Of Urban Health**, v. 101, n. 3, p. 451-463, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38730064/> Acesso em 15 mai. 2025.

GÁLÁN, C. A. *et al.* Exploration of Experiences and Perpetration of Identity-Based Bullying Among Adolescents by Race/Ethnicity and Other Marginalized Identities. **JAMA Network Open**, v. 4, n. 7, e2116364, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34297076/> Acesso em: 15 mai. 2025.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, 2014. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742014000100018](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018) Acesso em: 20 fev. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22 n. 2, p. 201-210, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 08 set. 2024.

HAILE, G. *et al.* Bullying Victimization Among Teenagers: United States, July 2021–December 2023. **NCHS Data Brief**, n. 514, October 2024. Disponível em: <https://www.cdc.gov/nchs/data/databriefs/db514.pdf>. Acesso em: 08 set. 2024.

KIM, J. *et al.* Cyberbullying and Victimization and Youth Suicide Risk: The Buffering Effects of School Connectedness. **The Journal of School Nursing**, v. 36, n. 4, p.

251-257, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30665324/> Acesso em: 18 abr. 2025.

KRESKI, N. T. *et al.* Trends in Adolescent Online and Offline Victimization and Suicide Risk Factors. **Pediatrics**, New York, v. 148, n. 3, p. e2020049585, set. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34341075/> Acesso em: 30 mai. 2025.

KRESKI, N. T. *et al.* National Trends and Disparities in Bullying and Suicidal Behavior Across Demographic Subgroups of US Adolescents. **Journal Of The American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 61, n. 12, p. 1435-1444, dez. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35489630/> Acesso em: 28 mai. 2025.

LABUHN, M. *et al.* Trends and instigators among young adolescent suicide in the United States. **Public Health**, v. 199, p. 51-56, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34547557/> Acesso em: 08 set. 2024.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **J Pediatr**, v. 81, n. 5, p. S164- S172, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2024

MOORE, S. E. *et al.* Consequences of bullying victimization in childhood and adolescence: a systematic review and meta-analysis. **World Journal of Psychiatry**, v. 7, n. 1, p. 60-76, 2017. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5371173/> Acesso em: 02 jun. 2025.

MOSLEY-JOHNSON, E. *et al.* Stress that endures: influence of adverse childhood experiences on daily life stress and physical health in adulthood. **Journal of Affective Disorders**, v. 284, p. 38-43, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032721001324?via%3Dihub>. Acesso em: 01 jun. 2025.

NOLEN-HOEKSEMA, S. Response to depression and their effects on the duration of depressive episodes. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 100, n. 4, p. 569-582, 1991. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1757671/> Acesso em: 03 jun. 2025.

NURIUS, P. *et al.* Victimization, Poverty, and Resilience Resources: Stress Process Considerations for Adolescent Mental Health. **School Ment Health**, v. 12, n. 1, p. 124-135, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32431758/> Acesso em: 30 mai. 2025.

OLWEUS, D. A. Bully/victim problems in school: facts and intervention. **European Journal Of Psychology Of Education**, v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/bf03172807> Acesso em: 8 set. 2024.

OLWEUS, D. A. A profile of bullying at school. Association for Supervision and Curriculum Development. **Educational Leadership**, v. 60, n. 3, p. 12-17, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279570438\\_A\\_profile\\_of\\_bullying\\_at\\_schoo](https://www.researchgate.net/publication/279570438_A_profile_of_bullying_at_schoo) Acesso em: 12 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Suicídio**. OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PANOSSO, M. G.; KIENEN, N.; BRINO, R. F. Treinamento de Professores para Prevenção e Manejo de Situações de Bullying Escolar: Uma Revisão Sistemática de Literatura. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v.39, p. e39, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/mxxr8sKfLTt8fdHfRgd9jQF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2024

PAPALIA, D. *et al.* **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PEREIRA, A. S. *et al.* Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciênc. saúde colet.**, v. 23, n. 11, p. 3767-3777, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GnVdNw8QX4cMkQVdqSDR45R> Acesso em: 06 jun. 2025.

RESETT, S.; CAINO, P. G. Predicción de autolesiones e ideación suicida en adolescentes a partir de la victimización de pares. **Summa Psicológica UST**, Santiago, v. 17, n. 1, p. 20-29, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8039658.pdf> Acesso em: 20 mai. 2025.

RICHARDSON, S. C.; GUNN, L. H. Factors Associated With Suicide Risk Behavior Outcomes Among Black Middle School Adolescents. **Journal Of The American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry**, [S.L.], v. 63, n. 12, p. 1215-1224, 2024. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0890856724002375> Acesso em: 10 mai. 2025.

ROEVER, L. Compreendendo os estudos de revisão sistemática. **Rev Soc Bras Clin Med.**, v. 15, n. 2, 127-130, 2017. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/11/875614/152\\_127-130.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/11/875614/152_127-130.pdf) Acesso em: 10 set. 2024.

RONZANI, T. M. R.; FURTADO, E. F. Estigma social sobre o uso de álcool. **J Bras Psiquiatr.**, v. 59, n. 4, p. 326-332, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/G4C8v9mqySmQRgNdy8QZbjf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS, A. T. dos *et al.* Violence and psychosocial stress: a 10-year time trend analysis. **Journal Of Affective Disorders**, v. 295, p. 116-122, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2021.08.011> Acesso em: 18 mai. 2025.

SARFO, J. O. *et al.* Prevalence and correlates of physical bullying behaviours (on/off-school property) among adolescents in Saint Vincent and the Grenadines. **BMC**

**Public Health**, v. 24, n. 1, p. 3228, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39567917/> Acesso em: 22 abr. 2025.

SCHERER, E. A. *et al.* Violência Psicológica Vivenciada por Alunos do Ensino Médio. **Revista Psicologia para América Latina, Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología (ULAPSI)**, São Paulo, v. 29, p. 160-173, dezembro, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2017000300011&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2017000300011&script=sci_abstract). Acesso em: 1 abr. 2024.

SCHNEIDER, A. M. de A.; PACHECO, J. T. B. Eventos estressores e conduta social na adolescência. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 23-32, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1983-82202010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-82202010000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 abr. 2024.

SCHULTZ, N. C. W *et al.* A COMPREENSÃO SISTÊMICA DO BULLYING. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3s8Bkbw8Bc9nFR96vZj45Mm/?format=pdf&lang=pt>. 10 abr. 2024

Silva, A.B.B. *Mentes perigosas*. Rio de Janeiro: Fontanar; 2008.

SILVA, J. L. *et al.* Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. **Epidemiol. Serv. Saúde** 28 (2), 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/MGVppMs3tCxZ8GbwCMXrky/?lang=pt> Acesso em: 8 set. 2024.

SILVA, J. L. *et al.* Assistência oferecida a estudantes que relatam serem vítimas de *bullying*. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 325-335, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2017000300009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2017000300009). Acesso em 5 abr. 2024.

SINGH, S. *et al.* Impact of Body Weight Perceptions and Electronic Bullying on Suicide-Related Risk Behaviors among Youth: results from youth risk behavior surveillance system, 2015. **Journal Of School Health**, v. 91, n. 1, p. 29-36, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33152802/>. Acesso em: 29 mai. 2025.

SUTTER, C. C.; *et al.* School and electronic bullying among adolescents: direct and indirect relationships with sadness, sleep, and suicide ideation. **Journal Of Adolescence**, v. 95, n. 1, p. 82-96, nov. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/jad.12101> Acesso em: 24 mai. 2025.

TABARES, A. S. G. *et al.* The effect of bullying and cyberbullying on predicting suicide risk in adolescent females: The mediating role of depression. **Psychiatry Research**, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38820653/> Acesso em: 29 mai. 2025.

VERGARA, G. A. *et al.* Non-Suicidal self-injury and suicide in depressed Adolescents: impact of peer victimization and bullying. **Journal Of Affective Disorders**, v. 245, p. 744-749, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6351200/> Acesso em: 8 set. 2024.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 25, n.1, p. 73-87, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/N83JQQXmpnxNkQNwcVvmZgh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 abr. 2024.

WEN, X. *et al.* Associations of bullying perpetration and peer victimization subtypes with preadolescent's suicidality, non-suicidal self-injury, neurocognition, and brain development. **BMC Medicine**, v. 21, n. 141, p. 1-14, 12, 2023. Disponível em: <https://bmcmmedicine.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12916-023-02808-8>. Acesso em: 8 set. 2024.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide**. 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 6 set. 2024.

YANG, Y.; *et al.* Neural reactivity to threat impacts the association between bullying victimization and suicide risk in youth. **Journal of Psychiatric Research**, v. 163, p. 288–295, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022395623002509?via%3Dihub> Acesso em: 8 set. 2024.

YOUNG, E. *et al.* Frequent Social Media Use and Experiences with Bullying Victimization, Persistent Feelings of Sadness or Hopelessness, and Suicide Risk Among High School Students — Youth Risk Behavior Survey, United States, 2023. **Mmwr Supplements**, v. 73, n. 4, p. 23-30, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39378186/> Acesso em: 10 mai. 2025.

YU, Z.; ZHU, X. The association between victimization experiences and suicidality: The mediating roles of sleep and depression. **Journal of Affective Disorders**, v. 329, p. 243-250, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36858266/> Acesso em: 29 mai. 2025.

ZAPATA-LÓPEZ, J. S.; TONGUINO-ROSETO, S.; MÉNDEZ, F. Sedentary Behavior and School Bullying in Adolescents: An Analysis Based on a National Survey in Colombia. **J Sch Health**, v. 4, n. 8, p. 727-735, ago. 2024. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/josh.13397> Acesso em: 20 mai. 2025.